

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Weinne Willan Moreira Santos

**A RELAÇÃO ENTRE OS PURITANOS E A TRADIÇÃO:
UMA ANÁLISE DO USO DA TRADIÇÃO FEITO POR JOHN OWEN**

São Paulo

2023

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Weinne Willan Moreira Santos

**A RELAÇÃO ENTRE OS PURITANOS E A TRADIÇÃO:
UMA ANÁLISE DO USO DA TRADIÇÃO FEITO POR JOHN OWEN**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológico. Orientador Professor Dr. Héber Carlos de Campos Júnior.

São Paulo

2023

Weinne Willan Moreira Santos

**A RELAÇÃO ENTRE OS PURITANOS E A TRADIÇÃO:
UMA ANÁLISE DO USO DA TRADIÇÃO FEITO POR JOHN OWEN**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (*MDiv*) na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor Dr. Héber Carlos de Campos Júnior.

Aprovação: 29/11/2023

Orientador: Professor: Dr. Héber Carlos de Campos Júnior.

Autor: Weinne Willan Moreira Santos

Programa: Magister Divinitatis (MDiv) em Estudos Históricos-Teológicos

Título do Trabalho: A relação entre os puritanos e a tradição: uma análise do uso da tradição feito por John Owen

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237r Santos, Weinne Willan Moreira.

A relação entre os puritanos e a tradição: [recurso eletrônico] uma análise do uso da tradição feito por John Owen / Weinne Willan Moreira Santos.
492 KB ;

Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.
Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Héber Carlos de Campos jr.
Referências Bibliográficas: f. 41-44.

1. Patrística. 2. Escolástica. 3. Protestantismo. 4. Ortodoxia. 5. Puritanismo. I. Campos jr, Héber Carlos de, orientador(a). II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Trino, de quem procede todo saber.

À Aniely, minha esposa, pela compreensão, incentivo e companheirismo.

À Primeira Igreja Presbiteriana de Mairiporã, que acolheu a mim e a minha família e que me permite estudar sem preocupações.

Ao Dr. Heber Carlos de Campos Jr., pela docência inspiradora.

Ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper, pelo seu esforço por difundir a teologia reformada pelo país.

“Meus mestres do Seminário aprenderam com Erasmo, e eu aprendi com eles: há que construir, e não destruir. Construir sobre os bons alicerces já colocados; mesmo que encontremos paredes em escombros, construir sempre o edifício já desenhado. Não é sábio que cada geração pretensiosamente trate de destruir o passado para depois tentar recomeçar. Os mestres comunicaram-me um catolicismo radical apostólico evangélico, que não se limita ao ecúmeno habitado, mas é também histórico, bíblico, profético: chegamos à universal assembleia e Igreja dos Primogênitos.” – Rev. Boanerges Ribeiro

RESUMO

John Owen foi um teólogo puritano ligado à ortodoxia reformada, que recebeu uma formação influenciada pelo escolasticismo e que se envolveu em polêmicas contra o arminianismo e o socinianismo, ameaças à teologia reformada na época. Este trabalho analisa como Owen utilizou a tradição teológica, não somente de forma apologética, mas também construtiva, incorporando-a em suas formulações doutrinárias. Owen tinha as Escrituras como a fonte suprema e suficiente do conhecimento de Deus, mas reconhecia o valor da tradição como um auxílio hermenêutico e teológico, e os credos e confissões como balizas para a reflexão teológica. Ele demonstrou um amplo conhecimento de autores antigos, e possuía em sua biblioteca obras de diferentes épocas e correntes, incluindo protestantes, católicos e hereges. Em suas obras, Owen recorreu aos primeiros credos para embasar sua doutrina do Espírito Santo e sua relação com o Filho, seguiu Agostinho em sua concepção dos efeitos do pecado sobre a mente humana, se apoiou em Lombardo para explicar a expiação limitada, e demonstrou influência escolástica em seu método e na organização de seu material. O uso de Owen de termos, distinções e conceitos de Tomás de Aquino, principalmente em sua doutrina da simplicidade de Deus, da providência e da união hipostática, permeava as suas obras, tanto as que tinham um caráter polêmico quanto as que visavam a edificação da igreja. Assim, Owen empregou a tradição teológica de modo construtivo e integrado, dialogando com a herança da igreja e articulando a teologia reformada com precisão e profundidade.

Palavras-chave: patrística, escolástica, protestantismo, ortodoxia, puritanismo

ABSTRACT

John Owen was a Puritan theologian linked to Reformed orthodoxy, who received an education influenced by scholasticism and was involved in polemics against Arminianism and Socinianism, threats to Reformed theology at the time. This monograph analyzes how Owen used the theological tradition, not only apologetically, but also constructively, incorporating it into his doctrinal formulations. Owen held the Scriptures as the supreme and sufficient source of the knowledge of God but recognized the value of tradition as a hermeneutical and theological aid, and the creeds and confessions as boundaries for theological reflection. He demonstrated a wide knowledge of ancient authors and had works from different eras and currents in his library, including Protestants, Catholics, and heretics. In his works, Owen drew on the early creeds to support his doctrine of the Holy Spirit and his relationship with the Son, followed Augustine in his conception of the effects of sin on the human mind, relied on Lombard to explain limited atonement, and showed scholastic influence in his method and in the organization of his material. Owen's use of Thomas Aquinas' terms, distinctions, and concepts, especially in his doctrine of God, providence, and the hypostatic union, permeated his works, both those of a polemical nature and those aimed at building up the church. In this way, Owen employed the theological tradition in a constructive and integrated way, dialoguing with the heritage of the church and articulating Reformed theology with precision and depth.

Keywords: patristics, scholasticism, Protestantism, orthodoxy, Puritanism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O USO DA TRADIÇÃO NA REFORMA INGLESA DOS SÉCULOS XVI E XVII..	12
1.1. A TRADIÇÃO NO PROTESTANTISMO INGLÊS.....	12
1.2. A INFLUÊNCIA DA ORTODOXIA REFORMADA.....	14
1.3. OS PURITANOS E O USO DA TRADIÇÃO	18
2. O USO DE JOHN OWEN DA TRADIÇÃO PATRÍSTICA E MEDIEVAL.....	21
2.1. JOHN OWEN SOBRE A TRADIÇÃO	21
2.2. JOHN OWEN E O USO DA TRADIÇÃO	25
2.2.1. Owen e a teologia patrística e medieval	27
2.2.2. A metodologia de Owen do uso da tradição	29
2.2.3. O uso de Tomás de Aquino por Owen	29
CONCLUSÃO.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	41

INTRODUÇÃO

O puritanismo foi um movimento reformado inglês que buscou uma reforma mais alinhada com o movimento reformado continental, em reação ao ritualismo e organização episcopal da igreja estatal. Por conta das polêmicas em que se envolveu, esse movimento é comumente retratado como sectário e pouco ecumênico. Em contraste, o anglicanismo é retratado como uma *via média* entre o protestantismo e a igreja antiga.¹ Ainda que popular, tal visão do puritanismo tem se desvanecido nas últimas décadas, desde o final do século XX, com os estudos a respeito da ortodoxia reformada e a sua relação com o movimento inglês.

Há evidências em escritos de puritanos William Perkins e John Owen de um uso intencional da patrística e medieval, e de que eles dispunham de uma grande variedade de obras antigas em suas bibliotecas.² Que os puritanos fizeram uso da tradição,³ dado contexto acadêmico e polêmico em que estavam inseridos, isso é um fato conhecido. A questão que pode ser levantada é sobre o tipo de uso da tradição eles fizeram. É possível classificar o puritanismo como um movimento ecumênico, no bom sentido? Ou deve-se concordar com a pecha atribuída de fanatismo e sectarismo? É possível argumentar, como Quantin,⁴ que o uso que os puritanos fizeram da tradição era de natureza ambígua. Por um lado, eles teriam recorrido à tradição de

¹ TRUEMAN, Carl R., Puritanism as Ecumenical Theology, *Nederlands archief voor kerkgeschiedenis* 81, no. 3 (2001): p. 326 Minha tradução.

² TRUEMAN, 2001, pp. 333–34.

³ O conceito de tradição recebeu diversos sentidos ao longo da história da igreja. A divisão feita por Oberman, entre Tradição I, II e III, tem sido utilizada e vista como útil. Para Oberman, tradição tem sido definido como (I) a transmissão do conteúdo da Escritura na forma de ensino e proclamação por parte da igreja, sem acréscimos; (II) o ensino e prática eclesiais não contidas no Cânon; e (III) o magistério da igreja entendido como única fonte de revelação. Embora o conceito de tradição possa ter muitas nuances e ser difícil de se estabelecer, para os fins deste trabalho consideraremos tradição como o depósito de ensino e prática que a igreja acumulou ao longo da história como um desenvolvimento das implicações do evangelho, que pode estar mais ou menos correta, e que pode ser útil como uma ferramenta auxiliar para a compreensão da Escritura, bem como ter alguma autoridade eclesiástica subjugada às Escrituras. Para a discussão sobre o conceito de tradição, Cf. OBERMAN, Heiko A., *Quo Vadis? Tradition from Irenaeus to Humani Generis*, *Scottish Journal of Theology* 16, no. 3 (1963): p. 253. Lane, por sua vez, faz uma distinção entre três visões da relação entre Tradição e Escritura: a visão de coincidência, a visão complementar e a visão auxiliar. LANE, A. N. S., *Scripture, Tradition and Church: An Historical Survey*, *Vox Evangelica* 9 (1975): p. 37, Acessado em: 05/09/2019, Disponível em: <https://biblicalstudies.org.uk/pdf/vox/vol09/scripture_lane.pdf>.

⁴ QUANTIN, Jean-Louis, *The Church of England and Christian Antiquity: The Construction of a Confessional Identity in the 17th Century*. Oxford, New York: Oxford University Press, USA, 2009, pp. 257–58.

com um objetivo apologético, para se defender da acusação de que o protestantismo seria uma inovação, uma novidade e, portanto, algo a ser rejeitado, segundo o espírito da época. O apelo à tradição seria, assim, uma maneira de clamar antiguidade para a sua doutrina. Por outro lado, ao mesmo tempo em que usavam a tradição, criticavam a sua autoridade para definir doutrina e liturgia, defendendo um ponto de vista protestante.⁵ É possível também afirmar, como Trueman, os puritanos eram representantes de uma catolicidade mais profunda até que a do anglicanismo, dada a sua sintonia próxima com o movimento internacional.⁶

Nos tempos atuais, diversas iniciativas surgiram entre protestantes de uma busca por um diálogo mais enfatizado maior conexão com a grande tradição, uma linha de continuidade com os pais da igreja e a teologia produzida pela igreja ao longo da história. Na busca por uma piedade mais profunda, elementos advindos da grande tradição têm sido resgatados. Nesse contexto, entender a relação que os puritanos tiveram com a tradição, o seu uso e os limites, pode ser de algum auxílio para o resgate de uma perspectiva reformada da tradição; visto que a sua produção teológica se deu em resposta a questões que ainda são levantadas em nossos dias.

John Owen poderia ser chamado de um puritano escolástico.⁷ John Owen era, essencialmente, um puritano, nascido numa família puritana, tendo exercido seu ministério como parte desse movimento.⁸ Owen era também era um teólogo da tradição da Ortodoxia Reformada. Muitas das suas ênfases, sua metodologia, preocupações e o período em que produziu o localiza nessa tradição maior. Conforme

⁵ QUANTIN, 2009, pp. 257–58.

⁶ TRUEMAN, 2001, p. 335; TRUEMAN, 2001, pp. 335–36.

⁷ KAPIC, K. M., Owen, John (1616–83), *In: New Dictionary of Theology: Historical and Systematic*, ed. Martin Davie et al., Second Edition . London, Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press; InterVarsity Press, 2016, p.642.

⁸ “Chamado por alguns de ‘o Calvino da Inglaterra’ e por outros de ‘o maior dos escolásticos puritanos’, Owen é amplamente considerado o gigante teológico entre os puritanos. Nascido em um lar de persuasão puritana, o jovem John foi educado no Queen’s College, na Universidade de Oxford, recebendo primeiro um BA e depois um MA. Durante sua vida, Owen ministrou em várias igrejas, serviu como capelão de Oliver Cromwell, tornou-se reitor da Christ Church, Oxford, e finalmente recebeu a grande honra de se tornar vice-chanceler da Universidade de Oxford (1652-1657). Comprometido com a ‘forma congregacional’, Owen sempre valorizou a igreja local e passou as últimas décadas de sua vida ministrando principalmente por meio de suas pregações e escritos.” KAPIC, 2016, p.642. Minha tradução. Cf. THOMSON, Andrew. “Life of Dr. Owen.” In *The Works of John Owen*. Vol. 1. Logos Research Edition. 17 vols. Edimburgo: T&T Clark, 1862; TRUEMAN, Carl R. *John Owen: Reformed Catholic, Renaissance Man*. Edição do Kindle. Great theologians’ series. Aldershot England, Burlington VT: Ashgate, 2007; GRIBBEN, Crawford. *John Owen and English Puritanism: Experiences of Defeat*. Oxford Studies in Historical Theology. New York: Oxford University Press, 2016.

Barcellos, há pelo menos cinco razões para considerar Owen um teólogo ortodoxo reformado: “sua educação, suas fontes, seu contexto intelectual, seus escritos e sua utilização de princípios e trajetórias hermenêuticas fundamentais.”⁹ Como representante da ortodoxia reformada, ele compartilhava das principais características e preocupações desse movimento. Trueman cita algumas dessas ênfases como: uma alta visão das Escrituras como a base epistemológica da teologia; uma compreensão da salvação baseada nos pactos divinos; uma economia histórica da salvação centrada na pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo e uma preocupação básica em ressaltar a natureza trinitária da atividade criadora e salvadora de Deus.¹⁰

Isso não torna o termo “puritano” inadequado para descrever Owen. Por mais difícil que seja definir o puritanismo, parte de sua formação se deve à relação de seus integrantes com as influências continentais, em contraste com a *via média* elisabetana. O fato é que muitos puritanos foram treinados no método escolástico e nos escritos dos Pais e da tradição medieval¹¹ e são verdadeiros representantes da ortodoxia reformada no lado anglo-saxônico.¹² A obra de Owen é uma expressão de um puritanismo, bem como de uma Ortodoxia Reformada mais madura e sofisticada. Assim, analisar a obra de Owen é relevante para compreender a dinâmica intelectual do século XVII.¹³

Um outro elemento importante para se compreender a sua produção teológica são as polêmicas que ele se envolveu. A fé reformada na Inglaterra estava sob os ataques do arminianismo e socinianismo, bem como de algumas ênfases equivocadas do lado ortodoxo. Owen buscou responder aos problemas de seu tempo na formulação de sua doutrina reformada.¹⁴ Owen e outros puritanos dedicaram esforço para combater os arminianos e socinianos, e isto porque tais adversários eram uma grande ameaça para a continuidade do movimento reformado. Trueman explica:

[...] os arminianos e os socinianos podem parecer, para a mente do século XX, relativamente ortodoxos; mas para Owen eles negavam alguns dos princípios

⁹ BARCELLOS, Richard C., Seventeenth-Century Reformed Orthodoxy, the Theological Methodology of High Orthodoxy, John Owen, and Federal Theology, *The Reformed Baptist Theological Review* 5 (2008): p. 113 Minha tradução.

¹⁰ TRUEMAN, Carl R., *The Claims of Truth: John Owen's Trinitarian Theology*, edição eletrônica, Reformed historical-theological studies . Grand Rapids Michigan: Reformation Heritage Books, 2021

¹¹ QUANTIN, 2009, pp. 259–60.

¹² TRUEMAN, 2001, p. 327.

¹³ TRUEMAN, 2021.

¹⁴ TRUEMAN, 2021.

básicos da fé e, portanto, deviam ser considerados hereges mortais. De fato, os arminianos e os socinianos, por sua própria aproximação com os ortodoxos em termos de sua ênfase no princípio da Escritura - o uso da Escritura pelos reformados como o único fundamento cognitivo para a teologia - e a frequente sofisticação de seus argumentos, eram uma ameaça proporcionalmente maior à teologia reformada do que aquelas seitas radicais que rejeitavam totalmente os pressupostos básicos da ortodoxia em favor da "luz interior" ou qualquer outra coisa.¹⁵

Para lidar com tais demandas, Owen se baseou na tradição patrística, medieval e reformada, desenvolvendo a partir delas a sua doutrina para responder aos desafios de seu tempo.¹⁶ Suas formulações doutrinárias são uma tentativa de recuperar a herança reformada, bem como da igreja antiga, para responder perguntas que não haviam sido antes feitas. Por isso, sua teologia não é uma simples repetição das formulações dos reformadores, mas há algum desenvolvimento.¹⁷ Ele não apenas repetiu as formulações antigas, mas as elaborou em novas formulações.¹⁸ Para tal empreendimento não se descolar da herança histórica da igreja, Owen se esforçou por elaborar as implicações da teologia reformada, das formulações trinitárias e cristológicas da antiguidade para a sua geração.¹⁹ Owen fez um uso da tradição dos pensadores antigos da patrística e medieval não tão somente apologético, mas construtivo, como parte de seu sistema teológico, utilizando conceitos e distinções provenientes da patrística e da teologia medieval.

O presente trabalho visa investigar o papel da tradição na produção teológica do puritano John Owen, como um representante de um puritanismo tardio e maduro. Para isso, é necessário compreender o contexto acadêmico e polêmico em que ele estava inserido, a sua relação com o movimento reformado inglês, continental e com a tradição patrística e medieval; e, por fim, analisar o uso e o papel da tradição em sua produção teológica. Para tal propósito, algumas fontes primárias e secundárias se mostraram úteis, destacando-se as Obras de John Owen, na edição publicada pela T&T Clark (1862, domínio público); o livro de Jean-Louis Quantin, *The Church of England and Christian Antiquity in the 17th Century*, que analisa a relação entre a igreja da Inglaterra no século XVII; as obras de Trueman sobre John Owen, em especial *The*

¹⁵ TRUEMAN, 2021 Minha tradução.

¹⁶ TRUEMAN, 2021.

¹⁷ TRUEMAN, 2021.

¹⁸ TRUEMAN, 2021.

¹⁹ TRUEMAN, 2021.

Claims for Truth, publicada pela Reformation Heritage Books; e a tese de doutorado de Christopher H. Cleveland, *Thomism in John Owen*,²⁰ disponibilizado pela Universidade de Aberdeen e publicado posteriormente pela Routledge, onde ele analisa profundamente a influência de Tomás de Aquino sobre John Owen nas áreas da doutrina de Deus, soteriologia e cristologia. O método de estudo é a pesquisa bibliográfica das fontes primárias e secundárias.

O trabalho é composto por dois capítulos. No primeiro, será analisado o contexto da produção teológica de John Owen: o protestantismo inglês, o puritanismo e a ortodoxia reformada. No segundo capítulo, será feita uma análise do uso da tradição patrística e medieval por Owen, incluindo as declarações que ele fez a respeito da tradição e como as obras da patrística e medievais foram utilizadas em suas obras.

²⁰ CLEVELAND, Christopher H., “Thomism in John Owen” (Tese apresentada para obtenção do grau de PhD em Divindade, University of Aberdeen, 2011), Acessado em: 19/09/2023, Disponível em: <https://abdn.alma.exlibrisgroup.com/discovery/delivery/44ABE_INST:44ABE_VU1/12152256250005941>.

1. O USO DA TRADIÇÃO NA REFORMA INGLESA DOS SÉCULOS XVI E XVII

O contexto cultural e acadêmico em que Owen estava inserido era propício para um uso construtivo da tradição. O interesse pela tradição e a prontidão em citá-los eram características da produção teológica da Inglaterra do século XVI, em parte como um legado do método escolástico, em parte por influência do espírito humanista do continente; podendo tais tendências serem percebidas não apenas no discurso teológico, mas até mesmo em outras áreas do conhecimento.²¹ Nesta seção, primeiro será tratada a relação do protestantismo inglês com a tradição; em segundo lugar, com a influência advinda do continente, em especial da ortodoxia reformada; e, em terceiro lugar, com o movimento puritano em especial.

1.1. A TRADIÇÃO NO PROTESTANTISMO INGLÊS

Que o uso de testemunhos patrísticos no contexto inglês era recorrente, isto é facilmente verificável. Os teólogos da época eram treinados para argumentar com base na autoridade dos testemunhos dos Pais da Igreja. Trata-se de um elemento do método escolástico que permaneceu em voga até meados do século XVII.²² Thomas Cranmer, arcebispo da Cantuária e líder da reforma inglesa, recebeu educação escolástica e se referia ao texto dos Pais como “autoridades”, seguindo a tradição dos escolásticos.²³ No Livro de Oração Comum e nas Homilias, ele usou fontes patrísticas e medievais.²⁴ A tradição patrística teve um papel importante para Cranmer não apenas nos seus escritos, mas numa mudança crucial de crença em direção a uma doutrina eucarística reformada. Foi graças aos argumentos de Nicholas Ridley, que incluíam a “autoridade de doutores”, que foi ele vencido pela “verdadeira e católica doutrina”.²⁵ Tanto Cranmer quanto Ridley, foram influenciados pelo reformador italiano Pedro Mártir, estabelecido na Inglaterra, que usou uma série de extratos das obras dos Pais para apoiar uma visão espiritual da Eucaristia.²⁶

²¹ QUANTIN, 2009, p. 22.

²² QUANTIN, 2009, p. 24.

²³ QUANTIN, 2009, p. 26.

²⁴ TRUEMAN, 2001, p. 328.

²⁵ QUANTIN, 2009, p. 25.

²⁶ QUANTIN, 2009, pp. 27–29.

É importante frisar que Cranmer cria que o consenso dos Pais confirmava a interpretação correta da Escritura e não servia para sozinha estabelecer doutrina.²⁷ Quando Cox, Mártir e Cranmer elaboraram juntos um código de lei canônica reformado para a Igreja Anglicana,²⁸ na primeira seção, eles fizeram questão de enfatizar que “a suprema autoridade na igreja” é das “Escrituras divinas”, embora tenham os Pais da Igreja e os Concílios “grande honra”, mas sempre abaixo da dignidade das Escrituras.²⁹

Ao mesmo tempo, o anglicanismo tinha uma relação singular com a antiguidade. Diferente das igrejas continentais, eles adotaram uma teologia reformada, ao mesmo tempo em que mantiveram estruturas anteriores. Embora, a princípio, a defesa de tais estruturas pudesse ser por tais coisas serem questões indiferentes, mais tarde a tradição, principalmente a patrística, passou a exercer papel na argumentação em prol do sistema anglicano.³⁰ Além disso, quando se preocuparam em estabelecer fórmulas doutrinárias (tal qual as demais igrejas do Continente), apelaram para definições dos primeiros concílios e para a tradição eclesiológica, e deram grande importância ao Credo de Atanásio, até mesmo incluindo-o no Livro de Oração Comum e prescrevendo a sua recitação em treze ocasiões diferentes.³¹

Nem todos os reformados ingleses eram propensos ao apelo à tradição, seja por falta de conhecimento,³² ou por relutância em aderir a uma argumentação que remeteria ao catolicismo romano. Enquanto Pedro Mártir citava com frequência os Pais, Richard Cox tinha a Escritura como o único critério para todas as controvérsias.³³ Além disso, a utilização dos Pais muitas vezes era um recurso diplomático³⁴ ou argumentativo. Os pais poderiam ser citados em argumentos a favor³⁵ ou contra a

²⁷ QUANTIN, 2009, p. 26.

²⁸ *Reformatio legum ecclesiasticarum*, 1551-2.

²⁹ QUANTIN, 2009, p. 33.

³⁰ Como em Hooker *Laws of Ecclesiasticall Politie* (1593). QUANTIN, 2009, pp. 88–89.

³¹ QUANTIN, 2009, pp. 46–47.

³² QUANTIN, 2009, pp. 319–22.

³³ QUANTIN, 2009, pp. 31–32.

³⁴ Por exemplo, na visão de Whitaker sobre o Cânon que, embora afirmasse o papel da igreja na recepção do cânon, negava que esta fosse a base da crença nas Escrituras. Em sua declaração, ele estava sendo mais polido e equilibrado que, necessariamente, defendendo uma forte autoridade da tradição. Cf. QUANTIN, 2009, pp. 49–50.

³⁵ Principalmente as obras de Agostinho sobre o batismo infantil, e o capítulo 27 de *De Spiritu Sancto*”, de Basílio de Cesareia. Cf. QUANTIN, 2009, pp. 62–63.

confiabilidade dos testemunhos patrísticos.³⁶ Também não se pode também reduzir a controvérsia quanto a tradição entre conformistas e puritanos. Havia bispos anglicanos como o bispo de Exeter William Alley, que não confiavam nas interpretações patrísticas,³⁷ e puritanos como Baxter, que numa controvérsia contra Owen, defendeu a possibilidade de até mesmo alguém salvo pelo conhecimento do evangelho advindo da tradição.³⁸

Além disso, o uso da tradição pelos protestantes ingleses era influenciado por sua visão da história. Quantin diz que os protestantes tinham uma “visão descontínua da história da igreja”, onde a sua “doutrina e pureza” teriam sido “progressivamente adulteradas”, corrupção interrompida somente com o advento da Reforma Protestante.³⁹ Assim, segundo Quantin, os Pais eram usados pelos protestantes ingleses mais frequentemente de um modo negativo, como evidência de que a doutrina romana não se mantém desde a antiguidade, mas passou por declínio.⁴⁰

1.2. A INFLUÊNCIA DA ORTODOXIA REFORMADA

Quanto ao uso da tradição, o protestantismo inglês reflete uma tendência advinda do movimento continental. Os reformados ingleses eram influenciados pelo continente, tinham acesso às suas, se envolviam em debates e enviaram delegados ao Sínodo de Dort (1618-1619).⁴¹ Tal influência continental se vê de modo especial no movimento puritano.⁴² Os puritanos ingleses⁴³ se interessavam pelo que acontecia no

³⁶ QUANTIN, 2009, pp. 61–62.

³⁷ QUANTIN, 2009, pp. 59–61.

³⁸ “E antes que o Dr. Owen, ao exaltar as Sagradas Escrituras, colocasse que ‘nenhum homem poderia conhecer Deus para a salvação por qualquer outro meio’, eu disse-lhe, que isso não era fundamental nem uma verdade: e que se entre os papistas ou quaisquer outros um pobre cristão acreditasse no ensino de outro, sem nunca saber que existe uma Escritura, ele seria favorecido, porque é prometido que quem acreditasse seria favorecido.” BAXTER, Richard; SYLVESTER, Matthew, *Reliquiæ Baxterianæ, Or, Mr. Richard Baxter's Narrative of the Most Memorable Passages of His Life and Times*. London: Printed for T. Parkhurst, J. Robinson, F. Lawrence and F. Dunton London, 1696, p. 199; Cf. QUANTIN, 2009, pp. 256–57 Minha tradução.

³⁹ QUANTIN, 2009, pp. 68–69.

⁴⁰ QUANTIN, 2009, p. 70.

⁴¹ TRUEMAN, 2021.

⁴² MULLER, Richard A., *Post-Reformation Reformed Dogmatics: The Rise and Development of Reformed Orthodoxy, Ca. 1520 to Ca. 1725*, 2nd ed. 1. Grand Rapids Mich.: Baker Academics, 2003, pp. 66–67.

⁴³ Quanto a definição de puritanismo, esse termo é difícil de se delimitar. Podemos, para os fins deste trabalho, recorrer à sucinta definição de Trueman: “Muita tinta foi derramada sobre o significado do termo, mas, para encurtar a história, eu uso essa palavra para denotar a tendência de pressionar por uma teologia e eclesiologia reformada mais completa dentro de seções da Igreja Anglicana entre entre

movimento reformado internacional,⁴⁴ manifestando aquilo que Trueman chamou de “catolicidade puritana”.⁴⁵ Havia uma influência de duas vias entre o movimento puritano e a ortodoxia reformada vista no Continente,⁴⁶ com maior ou menor intensidade.⁴⁷ Assim, o puritanismo inglês pode ser considerado como uma manifestação inglesa da ortodoxia reformada,⁴⁸ com uma ênfase própria.⁴⁹

Contudo, isto não quer dizer que os puritanos, em sua relação com a ortodoxia reformada, adotaram uma teologia racionalista, árida e desconectada dos reformadores, como sugere a concepção popular e reducionista.⁵⁰ Estudos mais recentes têm revisado tal visão e encontrado no escolasticismo protestante “um método pré-crítico, baseado na exegese, redentor, historicamente sensível e de múltiplas fontes”.⁵¹ A influência ortodoxa no puritanismo pode ser percebida no interesse em integrar a tradição em sua formulação teológica. Ao mesmo tempo em que a teologia ortodoxa era fundamentada nas Escrituras, ela se esforçava por se inserir na tradição teológica ocidental,⁵² tanto por meio da apropriação de elementos da teologia patrística e medieval quanto pela apresentação que seguia o método escolástico.⁵³ A razão para isto é que os ortodoxos reformados “identificaram a si mesmos e a sua teologia com a causa da verdade cristã católica universal”, pois viam

o início da década de 1530 e 1662, a data do mais importante Ato de Uniformidade”. TRUEMAN, 2001, p. 327. Minha tradução.

⁴⁴ TRUEMAN, 2001, pp. 334–35.

⁴⁵ TRUEMAN, 2001, p. 335.

⁴⁶ “Nos séculos XVI a XVII a teologia puritana foi receptiva ao pensamento continental; e o inverso também é verdadeiro. Perkins e Ames, por exemplo exerceram influência sobre a teologia reformada holandesa, tanto no trabalho de Maccovius e Mastricht como na chamada *Nadere Reformatie* dos séculos XVII e XVIII.” MULLER, 2003, pp. 66–67.

⁴⁷ PEDERSON, Randall J., *Reformed Orthodoxy in Puritanism*, *Perichoresis* 14, no. 3 (2016): p. 47.

⁴⁸ Podemos definir ortodoxia reformada como a designação dada ao movimento da ortodoxia protestante do lado reformado. A ortodoxia protestante, ou escolasticismo protestante é um movimento de codificadores e perpetuadores da doutrina da Reforma Protestante do século XVI e XVII, que criaram uma teologia institucional em continuidade com a Reforma e a grande tradição, e cujo trabalho é a base da exegese e das confissões protestantes. MULLER, 2003, p. 27.

⁴⁹ TRUEMAN, 2021.

⁵⁰ Um exemplo desse tipo de abordagem da ortodoxia reformada pode ser visto em: MCGRATH, Alister E., *O Pensamento Da Reforma: Ideias Que Influenciaram O Mundo E Continuam a Moldar a Sociedade*, 1ª edição . São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014, p. 236.

⁵¹ BARCELLOS, 2008, p. 102.

⁵² BARCELLOS, 2008, p. 113.

⁵³ BARCELLOS, 2008, p. 101.

a Reforma como “a chave não apenas para a reforma dos abusos eclesiásticos, mas para reformular todo o corpo da doutrina cristã”.⁵⁴

A ortodoxia reformada se apropriou do que havia de melhor da metodologia e teologia de seus predecessores, reformadores ou católicos.⁵⁵ Eles se utilizavam do método escolástico,⁵⁶ como o *quaestio*, com o intuito de desenvolver e formular com precisão o seu corpo de doutrina.⁵⁷ Eles também desenvolveram a patrologia, elaborando guias e compêndios dos Pais da Igreja,⁵⁸ a fim de organizar o material de um modo que favorecesse a teologia reformada.⁵⁹ Também faziam referência a toda a tradição cristã, principalmente a heresiologia, em seus tratados polêmicos com adversários de seu tempo.⁶⁰

Assim como no protestantismo inglês, os ortodoxos reformados faziam referência ao consenso dos Pais como testemunhas da verdade para defender seu ensino, principalmente sobre Trindade e Cristologia.⁶¹ Sua abordagem, contudo, não era como a do catolicismo romano. Os católicos viam os pais com um corpo de doutrina unificado que apoiava o ensino romanista, enquanto os reformados não os via como homogêneos, mas os utilizava para sustentar doutrinas particulares.⁶² Isto mostra que se interessar pelos Pais não significa um retorno ao romanismo, mas uma consequência da ideia de que o protestantismo é a verdadeira igreja e Roma é quem se afastou. Por isso, o melhor da tradição pertence aos herdeiros da Reforma.⁶³

Os credos e confissões eram guias para os ortodoxos reformados em suas formulações dogmáticas, tanto positiva quanto negativamente, isto é, para definir os tópicos a serem tratados, bem as heresias a serem condenadas.⁶⁴ Em suas

⁵⁴ MULLER, 2003, p. 28.

⁵⁵ BARCELLOS, 2008, p. 92.

⁵⁶ MULLER, Richard A., *After Calvin: Studies in the Development of a Theological Tradition: Studies in the Development of a Theological Tradition*, Oxford Studies in Historical Theology . New York: Oxford University Press, 2003, p. 74.

⁵⁷ CLEVELAND, 2011, p. 12.

⁵⁸ BACKUS, Irena, *Reformed Orthodoxy and Patristic Tradition*, In: *A Companion to Reformed Orthodoxy*, ed. H. J. Selderhuis, Brill's companions to the Christian tradition v. 40 . Boston: Brill, 2013, p.92.

⁵⁹ BACKUS, 2013, pp. 116–17.

⁶⁰ MULLER, 2003, pp. 53–54.

⁶¹ BACKUS, 2013, pp. 97–98.

⁶² BACKUS, Irena, *The Fathers and the Reformation*, In: *The Wiley Blackwell Companion to Patristics*, ed. Kenneth Parry, Wiley Blackwell companions to religion . Chichester, West Sussex: Wiley Blackwell, 2015, pp. 434–35.

⁶³ MULLER, 2003, pp. 52–53.

⁶⁴ MULLER, 2003, p. 52.

formulações de doutrinas trinitárias e cristológicas, os credos lhes fornecia o ensino ortodoxo; e lhes davam termos pelos quais recriminavam seus adversários.⁶⁵ Várias de suas teologias sistemáticas, formulações doutrinárias e até mesmo sermões tinham o Credo Apostólico e as confissões e catecismos como ponto de partida.⁶⁶ Isso não era por se considerar esses documentos uma autoridade suprema, mas pelo pressuposto de que eles haviam sido testados pelo tempo e eram bons guias para os limites do labor teológico.⁶⁷ As confissões reformadas também tinham para a ortodoxia reformada o mesmo papel de estabelecer limites doutrinários e servir como um sumário em suas exposições doutrinárias.⁶⁸

A teologia medieval também era usada pelos ortodoxos reformados. Lombardo, Tomás de Aquino, Boaventura e Durandus eram referenciados.⁶⁹ Lambert Daneau chegou a escrever um comentário reformado sobre o primeiro livro de Sentenças de Pedro Lombardo, o que mostra a sua familiaridade com essa prática escolástica.⁷⁰ Franciscus Junius, em seu prolegômeno, adaptou categorias dos escolásticos medievais (*teologia in se, teologia nostra, teologia in patria, teologia in via*) para a doutrina reformada a fim de definir o significado de teologia.⁷¹ Diversos recursos da teologia medieval são percebidos, por exemplo, em Turretini, tais como as provas da existência de Deus de Aquino,⁷² a metafísica e distinções medievais quanto ao conhecimento de Deus⁷³ e o método *quaestio*.⁷⁴ Turretini fazia também uso dos Pais da Igreja, principalmente quando tratava de especulações metafísicas, de modo a dar uma resposta às controvérsias de seu tempo.⁷⁵

⁶⁵ Por exemplo, reformados e luteranos se referiam uns aos outros, respectivamente, como eutiquianos e nestorianos. MULLER, 2003, p. 51.

⁶⁶ MULLER, 2003, p. 52.

⁶⁷ MULLER, 2003, p. 52.

⁶⁸ MULLER, 2003, p. 51.

⁶⁹ MULLER, 2003, p. 54.

⁷⁰ MULLER, 2003, p. 54.

⁷¹ MULLER, 2003, p. 54.

⁷² MULLER, 2003, pp. 54–55.

⁷³ MULLER, 2003, p. 55.

⁷⁴ MULLER, 2003, p. 58.

⁷⁵ BACKUS, 2013, pp. 100–101.

1.3. OS PURITANOS E O USO DA TRADIÇÃO

Alguns puritanos também demonstravam ter conhecimento da tradição da igreja, incluindo os Pais e a teologia medieval.⁷⁶ Suas bibliotecas continham muitas obras dos Pais, em latim e grego, e faziam em suas obras um largo uso dos Pais, principalmente de Agostinho.⁷⁷ É fato que tal prática não representava todos os puritanos e os reformados em geral, pois havia quem o fizesse e quem criticasse tal prática, tanto entre os puritanos como também entre os anglicanos.

Um exemplo da relação ambivalente entre os puritanos e o uso da tradição se vê na ocasião em que Robert Parker, um puritano, acusou os conformistas de trair o princípio do Sola Scriptura ao alegar que os Pais tinham alguma autoridade, dizendo que os teólogos da sua época entendiam melhor a natureza do Anticristo que os Pais.⁷⁸ O mesmo Parker, porém, citou os Pais da Igreja extensivamente num tratado contra o sinal da cruz no batismo.⁷⁹ É possível também que uma das razões que criava obstáculos no uso dos Pais pelos puritanos é a dificuldade do acesso às obras. Elas tinham um custo pouco acessível na Inglaterra em comparação com o continente.⁸⁰

Um divisor de águas na relação do movimento reformado inglês e a tradição foi a publicação da obra de John Daillé, calvinista francês, que escreveu o *Traicté de l'employ des saints Peres* (1631), obra que teve repercussão na Inglaterra.⁸¹ Daillé afirmava que os Pais não poderiam ser usados como árbitros em controvérsias religiosas pelo fato de ser difícil de se estabelecer a opinião dos pais quanto a controvérsias posteriores, por serem humanos falíveis e por haver corrupções textuais em seus manuscritos.⁸² O livro de Daillé acabou tornando-se um manual nas mãos dos puritanos para apontar erros e inconsistências na tradição da igreja.⁸³

Para Quantin, os puritanos usavam os Pais da igreja apologeticamente, ao mesmo tempo que estavam prontos a rejeitá-la quando em conflito com a Escritura.

⁷⁶ TRUEMAN, 2001, p. 334.

⁷⁷ TRUEMAN, 2001, pp. 333–34.

⁷⁸ QUANTIN, 2009, pp. 95–96.

⁷⁹ QUANTIN, 2009, pp. 108–9.

⁸⁰ QUANTIN, 2009, pp. 109–11.

⁸¹ QUANTIN, 2009, pp. 228–29.

⁸² BACKUS, 2013, pp. 95–96.

⁸³ QUANTIN, 2009, pp. 264–66.

Seu uso tinha a utilidade de defender a doutrina reformada da acusação de novidade.⁸⁴ Seu apelo ao consenso dos Pais, segundo Quantin, era apenas retórico, utilizado para mostrar como eram homens falíveis com imperfeições.⁸⁵ Eles tinham consciência da autoridade cultural da patrística, e por isso alguns, como Robert Parker, se dedicavam ao seu estudo como maneira de calar opositores, bem como utilizavam citações patrísticas em suas campanhas moralizantes.⁸⁶ Isso não significa, para Quantin, que eles usavam os Pais sem critério, pois seguiam certas regras hermenêuticas para interpretar autoridades que remontam à Idade Média.⁸⁷

Contudo, apesar da avaliação de Quantin, avaliações recentes têm percebido um uso construtivo dos Pais entre alguns puritanos. Havia lugar para fontes patrísticas na formação da identidade puritana.⁸⁸ Isto é verificável, por exemplo, na obra dos puritanos William Perkins.⁸⁹ Em sua obra *A Forged Catholicism*, Perkins cita o Cânone de Vicente de Lérins (falecido em 445 d.C.). Este cânone afirma que a doutrina correta é aquela que é crida em por todos, em todo lugar e em todo o tempo e que, em caso de dúvida, os cristãos devem confiar nos antigos decretos da igreja.⁹⁰ Perkins o cita para demonstrar que Roma se afastou do antigo depósito da fé, e que não representa mais a verdadeira fé católica. E assim, ele usa testemunhos patrísticos para demonstrar isso, lançando o que Ford considera como a base para o engajamento patrístico puritano.⁹¹ Sua apresentação de textos patrísticos não é fragmentada, com textos-prova isolados,⁹² mas estabelece uma hermenêutica a ser utilizada na leitura dos Pais, que lhes concede lugar de honra, ao mesmo tempo que subordinados à Escritura.⁹³ Richard Baxter também é um exemplo de uso extenso da tradição, ao seguir a linguagem e estrutura do escolasticismo em sua obra, *Methodus theologiae* (1681).⁹⁴

⁸⁴ QUANTIN, 2009, pp. 257–58.

⁸⁵ QUANTIN, 2009, pp. 54–56.

⁸⁶ QUANTIN, 2009, pp. 108–9.

⁸⁷ QUANTIN, 2009, pp. 64–66.

⁸⁸ FORD, Coleman M., “Everywhere, Always, by All”: William Perkins and James Ussher on the Constructive Use of the Fathers, *Puritan Reformed Journal* 7, 2 (2015): p. 95, Disponível em: <https://www.academia.edu/19386160/Everywhere_Always_by_All_William_Perkins_and_James_Ussher_on_the_Constructive_Use_of_the_Fathers>.

⁸⁹ FORD, 2015, p. 96.

⁹⁰ FORD, 2015, p. 97.

⁹¹ FORD, 2015, p. 98.

⁹² FORD, 2015, pp. 101–2.

⁹³ FORD, 2015, pp. 102–3.

⁹⁴ TRUEMAN, 2021.

Uma maneira de compreender a questão da relação do puritanismo com a tradição é admitir que havia diversidade em seu tratamento.⁹⁵ Embora a posição padrão fosse que a Escritura tinha autoridade singular e absoluta, alguns puritanos se utilizavam da tradição de um modo mais construtivo, como parte de sua formulação teológica, num uso mais próximo daquele visto na ortodoxia reformada continental. É certo que muito da produção teológica da época era feita num contexto polêmico. Contudo, é em resposta a polêmicas que a doutrina é desenvolvida, respondendo a novas questões antes não respondidas, elaborando um novo *corpus* doutrinário. Neste processo, a tradição se torna útil ao prover métodos, terminologias e insights cujas implicações são desenvolvidas e entregues a uma nova geração. Isto pode ser visto no uso construtivo da tradição vista na obra de John Owen.

John Owen pode ser categorizado como um puritano e um ortodoxo reformado.⁹⁶ Ele pode ser localizado no período que Muller chama de Alta Ortodoxia (1640-1685-1725). Esse foi um período em que a teologia reformada desfrutou de um certo consenso, onde as principais confissões já tinham sido elaboradas, mas que ao mesmo tempo a fé reformada precisou ser formulada com mais precisão diante dos adversários arminianos, amyraldianos e socinianos. Nesse período também ocorreu maior aproveitamento da contribuição da Idade Média.⁹⁷

A teologia de Owen se encaixa nesta descrição visto que ele a desenvolveu no calor da controvérsia fazendo uso de tradições anteriores à tradição reformada.⁹⁸ Isso não significa que ele não tenha feito exegese cuidadosa, no que pode ser verificado em sua detalhada exposição da Carta aos Hebreus. Mas ele fez isso em diálogo com a tradição exegética e teológica da igreja.⁹⁹ Assim, Owen estava inserido num contexto cultural e acadêmico que era propício ao uso construtivo da tradição.

⁹⁵ PEDERSON, 2016, p. 47.

⁹⁶ TRUEMAN, Carl R., *John Owen: Reformed Catholic, Renaissance Man*, Edição do Kindle, Great theologians series . Aldershot England, Burlington VT: Ashgate, 2007, p. 6.

⁹⁷ MULLER, 2003, pp. 31–32.

⁹⁸ TRUEMAN, 2021.

⁹⁹ TRUEMAN, 2007, pp. 7–8.

2. O USO DE JOHN OWEN DA TRADIÇÃO PATRÍSTICA E MEDIEVAL

Nesta seção será analisado o modo como John Owen fez uso da tradição patrística e medieval. Primeiro, serão abordadas as declarações de Owen a respeito da tradição da igreja e sua relação com a Escritura. Depois, será analisado alguns casos de uso da tradição em escritos de Owen, em especial, o uso de Aquino. Por fim, será feita uma avaliação sobre o papel da tradição na produção teológica de Owen.

2.1. JOHN OWEN SOBRE A TRADIÇÃO

Em suas declarações a respeito da autoridade da Escritura e do papel da tradição, é possível perceber que embora tivesse uma alta visão das Escrituras, John Owen valorizava a tradição como um auxílio hermenêutico e teológico, bem como uma baliza para a reflexão doutrinária. Ele tinha uma visão distintamente protestante da autoridade da Escritura, considerando-a como autoridade absoluta em matéria de ortodoxia e única maneira de conhecer e viver para Deus. Enquanto Baxter ainda admitia ser possível conhecer a Deus por intermédio da pregação ou do conhecimento escriturístico advindo de outras fontes, Owen afirmava que apenas a Escritura era a regra de fé que os cristãos eram obrigados a seguir.¹⁰⁰

Baxter cita essa diferença, quando diz:

E antes que o Dr. Owen, ao exaltar as Sagradas Escrituras, colocasse que 'nenhum homem poderia conhecer Deus para a salvação por qualquer outro meio', eu disse-lhe, que isso não era fundamental nem uma verdade: e que se entre os papistas ou quaisquer outros um pobre cristão acreditasse no ensino de outro, sem nunca saber que existe uma Escritura, ele seria favorecido, porque é prometido que quem acreditasse seria favorecido.¹⁰¹

Em 1652, John Owen elaborou uma lista de fundamentos que definiriam a ortodoxia do Interregno puritano, e nesse documento ele afirma:

[...] a Sagrada Escritura é a regra para conhecer a Deus e viver para ele, e que aquele que não crê, mas se volta para qualquer outra forma de descobrir a verdade, e a mente de Deus em vez dela, não pode ser salvo.¹⁰²

¹⁰⁰ QUANTIN, 2009, pp. 255–56.

¹⁰¹ BAXTER AND SYLVESTER, 1696, p. 199 Minha tradução.

¹⁰² OWEN, John, *Proposals for the Furtherance and Propagation of the Gospel in This Nation. As the Same Were Hubly Presented to the Honourable Committee of Parliament by Divers Ministers of the Gospell, and Others. As Also, Some Principles of Christian Religion, Without the Beliefe of Which, the Scriptures Doe Plainly and Clearly Affirme, Salvation Is Not to Be Obtained. Which Were Also Presented in Explanation of One of the Said Proposals*, Disponível em: <quod.lib.umich.edu>., Acessado em: 04/10/2023 Minha tradução.

Owen não considerava a tradição como uma revelação complementar à Escritura ou como meio de se conhecer a Deus. Ele era um protestante autêntico. Contudo, ele valorizava aos auxílios eclesiásticos à interpretação da Escritura. Segundo Trueman, ele dá pouca importância à tradição como algo suplementar e ao consenso patrístico, mas valoriza o conhecimento obtido por homens piedosos, que se esforçaram em compreender as Escrituras. As obras do passado, para Owen têm importância à medida em que explicam e aplicam fielmente o conteúdo escriturístico.¹⁰³ Assim, Owen afirma:

Dizemos, portanto, que o único uso de meios eclesiásticos na interpretação da Escritura está na devida consideração e aperfeiçoamento dessa luz, conhecimento e compreensão, e esses dons para a declaração da mente de Deus na Escritura, que ele concedeu e forneceu a todos os que nos precederam no ministério e na obra do evangelho; pois, como Deus de maneira especial, em todas as épocas, cuidou para que a doutrina do evangelho fosse pregada viva voz, para a presente edificação do corpo da igreja, da mesma forma, quase desde o início de sua propagação no mundo, logo após o falecimento dos apóstolos e de toda aquela sociedade divinamente inspirada de pregadores e escritores, ele incitou e capacitou diversas pessoas a declarar por escrito quais eram suas apreensões e que entendimento Deus lhes havia dado sobre o sentido da Escritura.¹⁰⁴

Owen valoriza a contribuição dos antigos não como revelação, como um esforço conjunto de homens que buscaram compreender a revelação de Deus. Ao mesmo tempo, reconhece que foi Deus quem cuidou para que a doutrina fosse preservada e propagada por meio da obra desses homens iluminados.

Owen não os isenta de erros, mas reconhece alguns que considera bem-sucedidos na tarefa de expor a Escritura:

Daqueles que intencionalmente escreveram comentários e exposições sobre qualquer parte da Escritura, Orígenes foi o primeiro, cujas tolices e erros, ocasionados pela possessão de sua mente com *filosofia platônica*, confiança em suas próprias grandes habilidades (que, de fato, eram singulares e admirável), com a curiosidade de uma mente especulativa, não desencorajou outros de se esforçar com mais sobriedade e melhor sucesso para escrever exposições inteiras sobre algumas partes da Escritura: tais entre os gregos eram Crisóstomo, Teodoreto, Aretino, Oecomenius, Teofilato; e entre os latinos, Jerônimo, Ambrósio, Agostinho e outros. Estes foram seguidos, usados, melhorados, por outros inumeráveis, em épocas sucessivas. Especialmente desde a Reforma, o trabalho foi realizado com sucesso geral e para grande vantagem da igreja; ainda não foi tão longe, mas o trabalho melhor, mais útil e lucrativo na vinha do Senhor, no qual qualquer homem

¹⁰³ TRUEMAN, 2021.

¹⁰⁴ OWEN, John, Pneumatologia: A Discourse Concerning the Holy Spirit—Continued, *In: The Works of John Owen*, Logos Research Edition, 17 vols. . Edimburgo: T&T Clark, 1862, 4:p.228 Minha tradução.

santo e instruído pode se envolver, é tentar a contribuição de mais luz na abertura e exposição das Escrituras, ou qualquer parte dele.¹⁰⁵

Owen dá a Orígenes a atribuição de ser o primeiro a escrever comentários. De fato, o comentário mais antigo nas cartas paulinas pertence a Orígenes (254 d.C.), que comentou diversos livros da Escritura, embora provavelmente Clemente de Alexandria tenha escrito antes comentários de diversos livros bíblicos (215 d.C.), textos estes que foram perdidos.¹⁰⁶ Owen reflete o conhecimento da patrística que tinha em seu tempo. Ele declara que os escritos de Orígenes estavam repletos de erros e influências platônicas, mas reconhece uma linha de autores e comentaristas que, ao longo dos séculos, aperfeiçoaram as obras de seus antecessores para o benefício da igreja.

Owen ainda declarava que tais auxílios eclesiásticos deveriam ser subjugados e estavam subordinados à Escritura:

Agora, todas essas são ajudas e vantagens singulares para o entendimento correto da Escritura; do mesmo tipo de vantagem, quanto àquele fim único de luz e conhecimento, cuja pregação da palavra é usada com sobriedade, julgamento e um devido exame de tudo pelo próprio texto.¹⁰⁷

Para Owen, tais tradições têm importância em conformidade em que expõem a Escritura fielmente, e por ela devem ser julgados. Além disso, Owen enfatiza que há erros e contradições nos pais, mas que isso não impossibilita um uso adequado deles:

[Quanto] à exposição dos pais, como é uma imaginação ridícula, e o que nos obrigaria a acreditar em contradições e erros abertos, para qualquer homem os autenticar a ponto de nos vincular a um consentimento para seus concepções e ditames porque são deles; então eles não serão desprezados por ninguém, exceto por aqueles que não foram familiarizados com eles. E é fácil discernir de todos eles, pela diversidade de seus dons, caminhos e desígnios, na exposição das Escrituras, que o Espírito Santo os dividiu como quis; que, como deveria nos fazer reverenciar sua presença com eles e ajudá-los, exige que a liberdade de nossos próprios julgamentos seja exercida sobre suas concepções.¹⁰⁸

Owen declara que embora haja erros perceptíveis nas obras da patrística, os Pais não devem ser rejeitados. Aqueles que tem familiaridade com eles podem discernir e aproveitar o que, pela iluminação do Espírito Santo, eles têm a oferecer, e julgar as suas formulações. Owen ainda alerta para os abusos em seu uso:

¹⁰⁵ OWEN, Pneumatologia, 1862, p. 228 Minha tradução.

¹⁰⁶ LEVY, Ian C. et al., eds., *The Letter to the Romans*, The Bible in Medieval Tradition . Grand Rapids, MI, Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 2013, p. 2.

¹⁰⁷ OWEN, Pneumatologia, 1862, p. 228 Minha tradução.

¹⁰⁸ OWEN, Pneumatologia, 1862, p. 228 Minha tradução.

[...] Estes são os meios externos e as vantagens que são necessárias, e para serem usadas de acordo com o chamado, oportunidade, habilidade e trabalho de qualquer um, como ajuda para alcançar um entendimento correto da mente de Deus na Escritura. Agora, a respeito de todos eles, direi apenas que o Espírito de Deus os torna úteis e prósperos de acordo com o conselho de sua própria vontade. Alguns são propensos a usá-los para se apoiar em seus próprios entendimentos e, conseqüentemente, vagar na imaginação de suas próprias mentes, corrompendo a palavra de Deus e tentando perverter seus caminhos corretos. Outros ele deixa na casca do texto, para exercitar sua habilidade com palavras, frases e expressões, sem conduzi-los ao sentido espiritual da palavra, que é sua vida e poder. Em alguns, ele os abençoa até o fim completo e adequado; mas não a menos que estejam em conformidade com os meios e deveres espirituais antes insistidos.¹⁰⁹

Owen adverte quanto a prática de alguns que se utilizam dos Pais para apoiar seus próprios entendimentos e se envolver com sofismas. O uso adequado desses meios eclesiásticos é aquele que conduz ao “sentido espiritual da palavra”.¹¹⁰

Em seu livro sobre a natureza da teologia, o conhecimento da antiguidade, bem como das artes liberais e línguas originais, é necessário para um teólogo responsável.¹¹¹ Ele enfatiza a importância de o teólogo ser organizado e dedicado em seu trabalho, e de treinar a sua mente para a reflexão profunda a partir do conhecimento de tais ciências.¹¹² Contudo, tais elementos não podem ter fim em si mesmo:

O que os pais da igreja, os escolásticos, ou os teólogos mais recentes pensaram ou escreveram sobre as coisas da fé e o assunto da religião, ler, saber e guardar na memória, isso é o que resolve o propósito dos outros. Muitos se esforçam para alcançar a perícia filosófica em alguma ciência teológica desconhecida. Mas nós já afastamos esses limites longe dos limites da teologia.¹¹³

O objetivo do teólogo, para Owen, não deve ser apenas ler e guardar as opiniões dos Pais, mas usar este conhecimento para trazer luz a uma teologia baseada na Escritura.

Owen também reconhece uma importância da tradição, em especial dos credos produzidos pelos primeiros concílios, em estabelecer limites e fundamentos para a unidade da igreja. No final de 1668, ao saber do desejo de Owen de uma

¹⁰⁹ OWEN, *Pneumatologia*, 1862, p. 228 Minha tradução.

¹¹⁰ OWEN, *Pneumatologia*, 1862, p. 228 Minha tradução.

¹¹¹ MULLER, 2003, p. 214.

¹¹² OWEN, John, *Theologoumena Pantodapa: Sive, De Natura, Ortu, Progressu, Et Studio, Veræ Theologiæ*, In: *The Works of John Owen*, Logos Research Edition, 17 vols. . Edimburgo: T&T Clark, 1862, pp. 472–73.

¹¹³ OWEN, *Theologoumena Pantodapa*, 1862, p. 474 Minha tradução.

concordia entre independentes e presbiteranos, Baxter escreveu a John Owen manifestando o seu desejo de que tal unidade fosse estabelecida. Ambos concordaram que Baxter deveria redigir um escrito com os pontos de doutrina que as duas partes estariam de acordo. Tal documento foi escrito em 1668, e publicado mais tarde em 1691.¹¹⁴ Em resposta ao escrito de Baxter, Owen aprova o documento e levanta alguns pontos. Numa das observações que levanta em sua carta, Owen escreve:

[...] O senhor exclui expressamente os papistas, que certamente também se excluirão, e o fazem, de qualquer acordo desse tipo; mas o senhor fez o mesmo em relação aos socinianos, que são numerosos e estão prontos para se incluir em nossa comunhão? O Credo, conforme exposto nos quatro primeiros concílios, fará isso.¹¹⁵

Em sua preocupação de levantar barreiras contra os socinianos, um dos oponentes da teologia reformada na época, Owen recorre ao credo dos quatro primeiros concílios. Ele entende que os credos antigos “são úteis para fornecer uma estrutura doutrinária funcional dentro da qual a tarefa teológica de interpretação das Escrituras pode ocorrer”.¹¹⁶

Em suma, Owen tinha as Escrituras como autoridade suprema, suficiente para se conhecer a Deus; contudo, tinha a tradição como um importante auxílio para a interpretação da Escritura; uma ferramenta necessária para o teólogo e tinha os credos e confissões como limites para a reflexão teológica.

2.2. JOHN OWEN E O USO DA TRADIÇÃO

John Owen fez uso da tradição em sua produção teológica. Havia uma multiplicidade de fontes em seus escritos que testificam que o seu conhecimento da teologia patrística e medieval era amplo. Seu uso da tradição ia além de citações prova: sua compreensão de doutrinas como o trinitarismo, providência, predestinação, dentre outras, é devedor das formulações da tradição da igreja.¹¹⁷ Além disso, ele utilizava as formulações tradicionais como parte fundamental de sua argumentação a respeito de outras doutrinas, como por exemplo, o decreto de Deus e a perseverança dos santos.

¹¹⁴ KEEBLE, N. H. and NUTTALL, Geoffrey F., eds., *Calendar of the Correspondence of Richard Baxter*. Oxford, Oxford, New York: Clarendon Press; Oxford University Press, 1991, p. 71.

¹¹⁵ THOMSON, Andrew, *Life of Dr. Owen, In: The Works of John Owen*, Logos Research Edition, 17 vols. . Edimburgo: T&T Clark, 1862, 1:p.cxx Minha tradução.

¹¹⁶ TRUEMAN, 2021.

¹¹⁷ TRUEMAN, 2021.

Owen teve acesso a muitas obras que utiliza mais tarde em sua educação teológica em Oxford. Seu tutor, Thomas Barlow, fornecia a seus alunos diversos textos e comentários de Aquino,¹¹⁸ além de considerar “o conhecimento da divindade escolástica essencial para uma educação teológica completa”.¹¹⁹ De todo o corpo escolástico, Barlow considerava o conhecimento de Pedro Lombardo e Tomás de Aquino fundamental, principalmente por conta de suas distinções que se fazem úteis nas polêmicas de seu tempo.¹²⁰

A biblioteca de John Owen mostra que ele seguiu a recomendação de seu mestre.¹²¹ Ela incluía autores clássicos, filosofia e literatura renascentista,¹²² e os principais autores da teologia patrística, medieval e contemporânea.¹²³ Ele era um verdadeiro erudito, com a “mente impregnada de teologia patrística, medieval e da Reforma e fenomenalmente versada em literatura teológica contemporânea - protestante, católica e herética”.¹²⁴

Owen usou essas fontes para cumprir seus objetivos. Ele não simplesmente as copiou, mas as usou para responder aos desafios de sua época. Ele escolhia as obras que iria ler, interpretava e extraía delas ideias que seriam úteis para seus escritos.¹²⁵ Ele fazia isso inclusive com fontes provindas do catolicismo romano. Muito embora tivesse uma visão negativa da instituição católico-romana, usava muitas de suas fontes de modo positivo quando isso servia a seu propósito.¹²⁶

¹¹⁸ TRUEMAN, 2007, pp. 9–10.

¹¹⁹ TRUEMAN, 2007, p. 22.

¹²⁰ TRUEMAN, 2007, p. 22.

¹²¹ O catálogo póstumo da biblioteca de Owen pode ser encontrada em: MILLINGTON, Edward. *Bibliotheca Oweniana, Sive, Catalogus Librorum Plurimis Facultatibus Insignium, Instructissimæ Bibliothecæ Rev. Doct. Vir. D. Joan Oweni (Quondam Vice-Cancellarii & Decani Edis-Christi in Academia Oxoniensi) Nuperrimè Defuncti Cum Variis Manuscriptis Grecis, Latinis &c. Propria Manu Doct. Patric. Junii Aliorumq[ue] Conscriptis Quorum Auctio Habebitur Londini Apud Domum Auctionariam Ex Adverso Nigri Cygni, in Vico Vulgò Dicto Ave-Mary-Lane, Propè Ludgate-Street, Vicesimo Sexto Die Maii, 1684. Londres, 1684. Disponível em: <<https://search.library.wisc.edu/catalog/9910001614202121>>.*

¹²² TRUEMAN, 2001, p. 333.

¹²³ BARCELLOS, 2008, p. 115.

¹²⁴ TRUEMAN, 2021.

¹²⁵ TRUEMAN, 2021.

¹²⁶ TRUEMAN, 2021.

2.2.1. Owen e a teologia patrística e medieval

Owen subscrevia a teologia trinitária dos primeiros credos.¹²⁷ Isso pode ser visto, por exemplo, em sua obra *Pneumatologia*, escrita em oposição ao racionalismo dos primeiros socinianos e ao misticismo dos *quakers*. Ao tratar das operações do Espírito Santo na Criação, ele afirma:

Que todas as operações divinas são geralmente atribuídas a Deus de forma absoluta. Assim, diz-se que Deus fez todas as coisas; e o mesmo acontece com todas as outras obras, seja na natureza ou na graça. E a razão disso é que as várias pessoas são indivisíveis em suas operações, agindo todas pela mesma vontade, a mesma sabedoria, o mesmo poder. Cada pessoa, portanto, é o autor de toda obra de Deus, porque cada pessoa é Deus, e a natureza divina é o mesmo princípio indivisível de todas as operações divinas; e isso decorre da unidade das pessoas na mesma essência.¹²⁸

Sua crença na consubstancialidade das três pessoas é fundamento para a sua defesa de que todos os atos de Deus são atos do Deus inteiro. Ele deriva tal ideia de Atanásio, Basílio e Ambrósio.¹²⁹

Além disso, Owen não apenas adere à formulação trinitária ocidental, que enfatiza a cláusula *filioque*, mas insere tal doutrina na estrutura de seu entendimento da pessoa e obra de Cristo.¹³⁰ Owen declara que o Filho revela o Pai, e essa revelação é apropriada por meio da obra do Espírito,¹³¹ que “o faz de maneira especial no que diz respeito à pessoa, aos ofícios e à graça de nosso Senhor Jesus Cristo [...] de quem ele é o Espírito”.¹³² É por causa da relação estreita entre o Filho e o Espírito que as Escrituras, a palavra escrita, pode agir como substituto para o Verbo, a palavra

¹²⁷ “Owen também fazia referências frequentes à literatura patrística. Rehnman lista os seguintes nomes e número de referências: Ambrósio 36, Agostinho 206, Crisóstomo 57, Clemente de Alexandra 50, Clemente de Roma 33, Epifânio 36, Eusébio 94, Gregório de Nazianus 16, Gregório de Nissa 2, Hilário 12, Inácio 25, Ireneu 30, Jerónimo 92, Justino Mártir 44, Lactâncio 32, Orígenes 55, e Tertuliano 122. Owen citou (tanto positiva como negativamente) vários escolásticos medievais, entre os quais se encontram Anselmo, Aberlardo, Pedro Lombardo, João de Damasco, Bernardo de Claraval, Scotus, Boaventura, e especialmente Tomás de Aquino.” BARCELLOS, 2008, p. 115.

¹²⁸ OWEN, John, *Pneumatologia: An Account Is Given of His Name, Nature, Personality, Dispensation, Operations, and Effects; His Whole Work in the Old and New Creation Is Explained; the Doctrine Concerning It Vindicated from Oppositions and Reproaches.*, In: *The Works of John Owen*, Logos Research Edition, 17 vols. . Edimburgo: T&T Clark, 1862; A discourse concerning the Holy Spirit, 3:p.93 Minha tradução.

¹²⁹ TRUEMAN, 2021 Neste trecho, Owen cita Atanásio (Epistol. [i. 31] ad Scrapionem), Basílio (Homil. XVII) e Ambrósio (in Symbol. Apost. cap. ix.).

¹³⁰ TRUEMAN, 2021.

¹³¹ TRUEMAN, 2021.

¹³² OWEN, *Pneumatologia*, 1862, pp. 158–60.

encarnada. Assim, Owen responde ao subjetivismo dos Quakers, que coloca uma barreira entre a Palavra de Deus e o Espírito.¹³³

A antropologia de Agostinho também exerceu influência na obra de Owen.¹³⁴ Ele considerava que a mente humana natural é totalmente “corrompida e depravada”, e que por isso “a luz e as habilidades” da mente humana não “são adequadas ou preparadas” para receber ou entender os mistérios do da graça, tornando ao homem impossível “compreender e entender os mistérios do evangelho sem uma iluminação especial”.¹³⁵ As ideias agostinianas são citadas extensivamente em seus debates com os arminianos, bem como seu relato nas Confissões servem para Owen como um paradigma dos efeitos e experiência do pecado.¹³⁶

Também a teologia medieval exerceu influência sobre a obra de Owen. Ao tratar da questão da expiação limitada, Owen utilizou uma distinção comum de Pedro Lombardo,¹³⁷ sem explicitar a referência, entre a suficiência e eficiência da satisfação de Cristo.¹³⁸ Owen usa tal distinção para defender uma suficiência infinita na expiação ao mesmo tempo em que rejeita qualquer relação entre tal suficiência e a vontade salvífica de Deus.¹³⁹ Ele diz:

Era, portanto, o propósito e a intenção de Deus que Seu Filho oferecesse um sacrifício de infinito valor e dignidade, suficiente em si mesmo para a redenção de todo e qualquer homem, se fosse do agrado do Senhor empregá-lo para esse fim; sim, e de outros mundos também, se o Senhor os fizesse livremente e os redimisse. Dizemos, então, que o sacrifício de Cristo foi suficiente para a redenção de todo o mundo e para a expiação de todos os pecados de todos os homens do mundo.¹⁴⁰

E depois diz, adotando a distinção escolástica:

Daí pode aparecer o que se deve pensar daquela antiga distinção dos escolásticos, adotada e usada por diversos divinos protestantes, embora por outros novamente rejeitada, a saber: "Que Cristo morreu por todos em relação à suficiência do resgate que pagou, mas não em relação à eficácia de sua aplicação"; "Essa última expressão é corrigida por alguns, e assim afirmada: "Que o sangue de Cristo foi suficiente para ter sido feito um preço por todos", o que é muito verdadeiro, como foi declarado antes: pois o fato de ser um

¹³³ TRUEMAN, 2021.

¹³⁴ TRUEMAN, 2021.

¹³⁵ OWEN, Pneumatologia, 1862, pp. 137–38.

¹³⁶ TRUEMAN, 2007, p. 12.

¹³⁷ LOMBARDO, Pedro. *IV Libri Sententiarum* 3.20.3

¹³⁸ TRUEMAN, 2021.

¹³⁹ TRUEMAN, 2021.

¹⁴⁰ OWEN, John, *Salus Electorum, Sanguis Jesu: The Death of Death in the Death of Christ*, In: *The Works of John Owen*, Logos Research Edition, 17 vols. . Edimburgo: T&T Clark, 1862, 10:pp. 295–96 Minha tradução.

preço por todos ou por alguns não decorre de sua própria suficiência, valor ou dignidade, mas da intenção de Deus e de Cristo de usá-lo para esse fim, como foi declarado; e, portanto, nega-se que o sangue de Cristo tenha sido um preço suficiente e um resgate por todos e por cada um, não porque não fosse suficiente, mas porque não era um resgate.¹⁴¹

O que fica claro é que Owen empresta livremente termos e distinções medievais nas suas formulações teológicas, sempre que considera necessário e útil.

2.2.2. A metodologia de Owen do uso da tradição

Owen fez uso de vários métodos para a articulação de sua teologia. Ele fez uso da exegese, de um método histórico-redentor, do método catequético, produziu sermões para a igreja e, por fim, fez uso do método escolástico.¹⁴² Trueman lista alguns traços escolásticos na teologia de Owen:

- a) perguntas e objeções e subdivisão tópica como forma de desenvolver todas as implicações de sua teologia;
- b) incorporação e uso extensivo da terminologia desenvolvida na Idade Média, de modo a expressar a sua doutrina de modo preciso;
- c) recorrência à estrutura metafísica, principalmente em suas discussões sobre Deus, criação e providência;¹⁴³
- d) uso da lógica e metafísica aristotélicas, não como algo que descreve o conteúdo de sua teologia, mas como ferramenta comum da época que ele colocou à disposição da teologia reformada.¹⁴⁴

Assim, é possível perceber que o uso da tradição por Owen ia além de se construir um bom argumento contra a igreja romana. Ela era um recurso para a articulação de convicções teológicas reformadas.¹⁴⁵

2.2.3. O uso de Tomás de Aquino por Owen

Notável é na obra de Owen o extenso uso de termos, distinções e conceitos metafísicos advindos de Tomás de Aquino. Contudo, deve-se perceber que o seu tomismo é originado de seu compromisso com tornar a teologia reformada mais

¹⁴¹ OWEN, *Salus Electorum, Sanguis Jesu*, 1862, p. 296 Minha tradução.

¹⁴² BARCELLOS, 2008, p. 116.

¹⁴³ TRUEMAN, 2021.

¹⁴⁴ TRUEMAN, 2021.

¹⁴⁵ TRUEMAN, 2021.

robusta e precisa em suas formulações; e não de um partidarismo, como o faz, por exemplo, a Ordem Dominicana.¹⁴⁶ O propósito é fortalecer a teologia reformada e dar-lhe “profundidade em virtude de sua relação com a tradição ocidental e católica”.¹⁴⁷

Owen se utiliza de conceitos teológicos tomistas em suas formulações, como em sua compreensão da assunção do Filho e da união hipostática, idêntica à desenvolvida por Aquino na *Summa*.¹⁴⁸ Ele também usa princípios que trazem certas alusões aos de Aquino, como no seu entendimento do hábito infuso da graça na alma do crente.¹⁴⁹ Nesta seção, serão tratadas três áreas de influência de Aquino sobre a teologia de Owen: a doutrina de Deus como ato puro, a doutrina da providência e a doutrina da união hipostática.

2.2.3.1. Deus como ato puro

Owen apresenta a doutrina tomista de Deus como puro ato de ser, sem qualquer potencialidade, como parte de seu argumento contra os arminianos.¹⁵⁰ Tal conceito, embora possa ter sua terminologia advinda da filosofia, declara uma verdade distintamente cristã.¹⁵¹ Na filosofia aristotélica e medieval, o ato é uma potencialidade realizada. A diferença entre potência e ato é útil para explicar o movimento. Quando alguma coisa muda de estado ou se move, é porque potencialmente já se encontrava no seu estado final.¹⁵² Deus é capaz de mover as coisas criadas da potência para o ato, mas ele mesmo não tem nenhum potencial, nem pode vir a ser nada, porque o seu ser é ato puro.¹⁵³ Para Aquino, isso traz duas implicações: que Deus é causa primeira de todas as coisas, sendo ele o único que pode fazer as coisas criadas passarem do estado de potencialidade para ato; e que em Deus não pode haver partes ou porções, sendo ele uma unidade perfeita.¹⁵⁴

¹⁴⁶ TRUEMAN, 2007, p. 23.

¹⁴⁷ CLEVELAND, 2011, p. 10.

¹⁴⁸ CLEVELAND, 2011, p. 4.

¹⁴⁹ CLEVELAND, 2011, pp. 4–5.

¹⁵⁰ CLEVELAND, 2011, pp. 6–7.

¹⁵¹ CLEVELAND, 2011, p. 49.

¹⁵² GONZÁLEZ, Justo, *Breve Dicionário De Teologia*, with the assistance of Juan C. Martinez, 1a edição . São Paulo, SP: Hagnos, 2009, pp. 10–11.

¹⁵³ CLEVELAND, 2011, pp. 53–54; AQUINO, Tomás de, *Summa Theologica* . Londres: Burns Oates & Washbourne Fathers of the English Dominican Province, 1921, STh., I q.2 a.3 resp.

¹⁵⁴ CLEVELAND, 2011, p. 56.

Para Owen, esse conceito tem utilidade no seu tratado contra o arminianismo. Na segunda parte do seu tratado, ele fala a respeito dos decretos de Deus, contra a ideia de que seriam eles poderiam ser alterados e que ocorrem no tempo.¹⁵⁵ Ele traz uma das implicações da ideia de simplicidade de Deus, presente da teologia tomista: se os atributos e atos internos de Deus são um com a essência divina, então eles são imutáveis assim como a essência imutável de Deus.¹⁵⁶

Sobre a imutabilidade, Owen a define usando a terminologia tomista, e fundamentando a doutrina com a Escritura:

Os decretos de Deus, sendo conformes à sua natureza e essência, exigem a eternidade e a imutabilidade como suas propriedades inseparáveis. Deus, e somente ele, nunca foi, nem jamais poderá ser, o que agora não é. A possibilidade passiva de qualquer coisa, que é a fonte de toda mudança, não pode ter lugar naquele que é "actus simplex", e puramente livre de toda composição; daí São Tiago afirmar que "com ele não há variabilidade, nem sombra de mudança", Tiago 1:17; com ele, isto é, em sua vontade e propósitos: e ele mesmo por seu profeta, "Eu sou o Senhor, não mudo; portanto, vós, filhos de Jacó, não sois consumidos", Mt. 3:6; onde ele prova a não mudança de seus propósitos gratiosos, porque ele é o Senhor. Os atos eternos de sua vontade, que não diferem realmente de sua essência imutável, devem ser imutáveis.¹⁵⁷

E então cita diretamente a Tomás de Aquino:

"Divinum velle est ejus esse", dizem os escolásticos, "A vontade de Deus nada mais é do que Deus querendo"; não diferindo de sua essência "secundem rem", na coisa em si, mas apenas "secundem rationem", no fato de que ela implica uma relação com a coisa desejada. A essência de Deus, então, sendo o ato ou substância mais absoluta, pura e simples, sua vontade, conseqüentemente, não pode ser senão simplesmente uma; da qual não devemos fazer nenhuma divisão ou distinção. Se aquilo por meio do qual é significada fosse sempre tomado adequada e estritamente como a vontade eterna de Deus, as diferenças aqui geralmente apresentadas seriam antes distinções da significação da palavra do que da coisa.¹⁵⁸

O resumo do argumento é que se Deus é ato puro, então não é passível de mudança e nem pode ter partes ou divisões. Logo, tudo o que ele é deve ser imutável., incluindo os atos da vontade de Deus.¹⁵⁹

¹⁵⁵ CLEVELAND, 2011, p. 57.

¹⁵⁶ CLEVELAND, 2011, p. 58.

¹⁵⁷ OWEN, John, *Theomachia Autexousiastikē: A Display of Arminianism*, In: *The Works of John Owen*, Logos Research Edition, 17 vols. . Edimburgo: T&T Clark, 1862, 10:pp. 19–20 Minha tradução.

¹⁵⁸ OWEN, *Theomachia Autexousiastikē*, 1862, p. 44. Minha tradução. Ele cita AQUINO, STh., I q.19 a.1 resp.

¹⁵⁹ CLEVELAND, 2011, p. 59.

Em resposta à possível objeção de que há coisas que não ocorreram conforme a sua vontade de Deus, Owen faz distinção entre vontade secreta e revelada. A vontade secreta “é seu propósito eterno e imutável”, enquanto a revelada “não contém seu propósito e decreto, mas nosso dever”.¹⁶⁰ Mas para não ceder a ideia de que em Deus haveria duas vontades, Owen faz uso de outra distinção tomista: entre a sua vontade e o sinal da sua vontade; ou a vontade num sentido próprio e num sentido metafórico.¹⁶¹ Assim ele explica a razão de ocorrerem eventos não eram a vontade de Deus enquanto mantém a ideia da imutabilidade da vontade divina.¹⁶² Essa distinção é uma resposta ao arminianismo: o propósito de Deus é entendido como inseparável de sua essência, que é imutável, e por isso não pode ser alterado no tempo.¹⁶³

Owen apela ao mesmo princípio em sua obra sobre a perseverança dos santos, escrita dez anos depois em resposta ao livro de John Goodwin, *The Doctrine of the Saints' Perseverance*, obra esta que provocou reações do movimento reformado.¹⁶⁴ Ele usa novamente o conceito de Deus como puro ato para argumentar pela imutabilidade do propósito de Deus:

Sendo o próprio Deus um ato puro e infinito, os atos de sua vontade e sabedoria, que são eternos e imanescentes, não se distinguem de sua natureza e ser, mas apenas no que diz respeito à referência e ao hábito que eles têm em relação a algumas coisas a serem produzidas externamente a partir dele. Os objetos de todos eles são coisas que não poderiam ser. Os propósitos de Deus não se referem a qualquer coisa que seja em si mesma absolutamente necessária. Ele não pretende ser sábio, santo, infinitamente bom, justo: todas essas coisas, que são de absoluta necessidade, não entram no âmbito de seus propósitos. De coisas que não poderiam ser são seus decretos e intenções; eles são de todos os produtos de seu poder - tudo o que exteriormente ele fez, faz ou fará, para a eternidade. Todas essas coisas, até a queda de um fio de cabelo ou o murchar de uma [folha de] grama, ele determinou desde a antiguidade.¹⁶⁵

Isto significa que os atributos de Deus não devem ser distinguidos do próprio Deus, incluindo sua vontade e sabedoria.¹⁶⁶ Isso também significa que até mesmo as coisas de sua futuração, isto é, aquelas coisas que ainda serão, Deus determina que

¹⁶⁰ OWEN, Theomachia Autexousiastikē, 1862, p. 45 Minha tradução.

¹⁶¹ CLEVELAND, 2011, p. 62.

¹⁶² CLEVELAND, 2011, p. 62.

¹⁶³ CLEVELAND, 2011, p. 63.

¹⁶⁴ CLEVELAND, 2011, pp. 74–75.

¹⁶⁵ OWEN, John, The Doctrine of the Saints' Perseverance: Explained and Confirmed, *In: The Works of John Owen*, Logos Research Edition, 17 vols. . Edimburgo: T&T Clark, 1862, 11:pp. 141–42 Minha tradução.

¹⁶⁶ CLEVELAND, 2011, pp. 76–77.

elas aconteçam e elas passam da sua inteligência simples ao seu conhecimento de visão.¹⁶⁷ Em outras palavras, o conhecimento que Deus tem de todas as possibilidades do que pode vir a ser passa a ser, a partir do decreto, o conhecimento do que ele determinou que aconteça, a sua presciência.¹⁶⁸

O propósito de Owen com essa linha de argumentação é simples:

Nossa consideração desses propósitos de Deus sendo apenas em referência ao assunto que temos em mãos, farei estas duas coisas:-Primeiro, manifestar que todos eles são absolutos e imutáveis; nisso serei breve, não indo até o limite da controvérsia a esse respeito, como insinuei antes; minha intenção é outra. Em segundo lugar, mostrar que Deus propôs a continuidade de seu amor a seus santos, para trazê-los infalivelmente a si mesmo, e que esse propósito de Deus, em particular, é imutável; que é a segunda parte do fundamento de nossa permanência com Deus na graça da aceitação.¹⁶⁹

Se a vontade de Deus é imutável e ele decidiu salvar e continuar a amar os seus eleitos, trazendo-os a si mesmo, tal propósito não pode ser frustrado.

2.2.3.2. Providência de Deus

Um entendimento tomista da doutrina da providência de Deus também faz parte do argumento de Owen contra os arminianos, em sua defesa da doutrina da perseverança dos santos. Isso decorre da doutrina de Deus como ato puro. Se Deus é a primeira causa de tudo que existe, nada acontece fora da sua vontade e nada pode depender apenas da vontade humana. Admitir algo assim, para Owen, seria um absurdo e até mesmo idolatria.¹⁷⁰ A doutrina de Owen quanto a providência é devedora da tradição tomista posterior.¹⁷¹

Parte da sua doutrina da providência de Owen é a distinção entre coisas livres e contingentes:

Para cada coisa a ser produzida em seguida a ele e sob ele, Deus preparou diversos e vários tipos de causas, diversamente operantes na produção de seus efeitos, algumas das quais são ditas operar necessariamente, sendo a instituição de sua natureza fazer o que fazem, e não de outra forma; assim o sol dá luz, e o fogo calor. E, no entanto, em alguns aspectos, seus efeitos e produtos podem ser considerados contingentes e livres, na medida em que a concordância de Deus, a primeira causa, é necessária para sua operação, que faz todas as coisas muito livremente, de acordo com o conselho de sua vontade. Assim, o sol permaneceu parado no tempo de Josué, e o fogo não

¹⁶⁷ CLEVELAND, 2011, p. 77.

¹⁶⁸ CLEVELAND, 2011, pp. 77–78 Cf. AQUINO, Sth., I q.14 a.9.

¹⁶⁹ OWEN, The doctrine of the saints' perseverance, 1862, p. 143 Minha tradução.

¹⁷⁰ TRUEMAN, 2021.

¹⁷¹ TRUEMAN, 2021.

queimou as três crianças; mas, normalmente, tais agentes trabalham "necessitate naturæ", seus efeitos são ditos necessários. Em segundo lugar, para algumas coisas Deus colocou causas livres e contingentes, que ou se aplicam à operação em particular, de acordo com a eleição, escolhendo fazer esta coisa em vez daquela; como anjos e homens, em suas ações livres e deliberadas, que eles executam de tal forma que não poderiam tê-las feito; ou então eles produzem efeitos κατὰ τὸ συμμεζηκός, meramente por acidente, e a operação de tais coisas nós dizemos ser casual; como se um machado, caindo da mão de um homem cortando uma árvore, matasse outro que ele nunca viu. Ora, nada, em nenhuma dessas maneiras, acontece sem que Deus o tenha determinado, tanto no que diz respeito à matéria quanto ao modo, de acordo com suas causas - algumas necessariamente, outras livremente, outras casualmente ou contingentemente, mas também, como tendo uma certa futurição de seu decreto, ele infalivelmente prevê que elas acontecerão. Mas, ainda assim, o fato de ele fazer isso com respeito às coisas livres e contingentes é muito questionado pelos arminianos em termos expressos, e negado por consequência, não obstante São Jerônimo afirmar que fazer isso é destrutivo para a própria essência da Deidade.¹⁷²

Deus governa sobre todas as coisas, mas faz isso de um modo que mantém a natureza das coisas criadas. Algumas coisas precisam do poder e da ação de Deus para continuarem a sua operação necessária enquanto outras têm uma certa liberdade ou curso de ação, debaixo de sua predeterminação e propósito.¹⁷³

Owen também toma emprestado da tradição tomista posterior, especialmente dos dominicanos, a distinção entre obras morais e físicas para tratar sobre a necessidade da pregação e o papel do Espírito.¹⁷⁴ O Espírito infunde um princípio de vida espiritual nos crentes, sendo isto a obra física, isto é, uma obra de Deus cujo efeito é imediato. Já a obra moral é aquela que necessita de intervenção de outra coisa para operar, como é o caso da pregação da Palavra, que precisa da operação do Espírito para ser eficaz para a salvação.¹⁷⁵

¹⁷² OWEN, *Theomachia Autexousiastikē*, 1862, p. 24 Minha tradução. Cf. "A providência divina impõe necessidade a algumas coisas; não a todas, como alguns acreditavam anteriormente. Pois à providência pertence ordenar as coisas para um fim. Ora, depois da bondade divina, que é um fim extrínseco a todas as coisas, o principal bem nas próprias coisas é a perfeição do universo, que não existiria se todos os graus de existência não fossem encontrados nas coisas. Por isso, cabe à providência divina produzir todos os graus de existência. E, assim, preparou para algumas coisas causas necessárias, para que aconteçam por necessidade; para outras, causas contingentes, para que aconteçam por contingência, de acordo com a natureza de suas causas imediatas." AQUINO, 1921, *STh.*, I q.22 a.4 resp. Minha tradução.

¹⁷³ CLEVELAND, 2011, p. 73.

¹⁷⁴ BELT, Henk v. d. den, *Vocatio as Regeneration: John Owen's Concept of Effectual Calling*, *In: John Owen Between Orthodoxy and Modernity*, ed. W. van Vlastuin, *Studies in reformed theology volume 39*. Boston: Brill, 2019, Acessado em: 09/05/2023, p.154.

¹⁷⁵ BELT, 2019, p.154.

2.2.3.3. *União hipostática*

Em sua obra sobre cristologia, ao tratar da encarnação, Owen é devedor do tratamento de Aquino,¹⁷⁶ principalmente ao tratar da união hipostática.¹⁷⁷ São quatro dimensões da encarnação que Owen trata: a) assunção, o ato do Filho assumir a natureza humana; b) união hipostática, quando as naturezas divina e humana são unidas na pessoa de Cristo; c) comunicação mútua, a relação das naturezas na única pessoa de Cristo; e d) certas predicções sobre a pessoa de Cristo.¹⁷⁸

Uma peculiaridade da obra cristológica de Owen é que ela foi escrita não como uma resposta a uma controvérsia, mas sim visando a edificação dos cristãos. Ele escreveu *Christologia* quatro anos antes de sua morte, com o propósito de examinar a forma como Cristo é o fundamento da verdadeira fé.¹⁷⁹ Owen cria que entender quem é Jesus Cristo é fundamental para o fortalecimento da fé e para despertar a verdadeira adoração.¹⁸⁰ E mesmo nessa obra sem cunho polêmico, Owen cita amplamente a Tomás de Aquino em suas formulações, até mesmo para justificar a razão de não desejar se emaranhar em especulações:

[...] para manifestar em particular quão inefavelmente distinta é a relação entre o Filho de Deus e o homem Cristo Jesus, de toda relação e união que possa existir entre Deus e os crentes, ou entre Deus e qualquer outra criatura. A falta de um verdadeiro entendimento disso é o erro fundamental de muitos em nossos dias. [...] E aqui evitarei totalmente as curiosas indagações, as ousadas conjecturas e as injustificáveis determinações dos escolásticos e de alguns outros. Pois muitos deles, com a intenção de explicar esse mistério, ultrapassando os limites da luz das Escrituras e da sobriedade sagrada, o obscureceram. Esforçando-se para tornar todas as coisas claras para a razão, eles expressaram muitas coisas insensatas quanto à fé, e caíram em múltiplas contradições entre si. Por isso, Aquino afirma que três dos modos de declarar a união hipostática, propostos pelo Mestre das Sentenças, estão tão longe de opiniões prováveis que são verdadeiras heresias. Portanto, eu me limitarei, na explicação desse mistério, às proposições da revelação divina, com as exposições justas e necessárias delas.¹⁸¹

Owen cita Aquino, que diz que certas maneiras de declarar a união hipostática são heréticas. Aquino observa que algumas das explicações apresentadas por Pedro

¹⁷⁶ CLEVELAND, 2011, p. 9.

¹⁷⁷ CLEVELAND, 2011, pp. 234–35.

¹⁷⁸ CLEVELAND, 2011, p. 236.

¹⁷⁹ CLEVELAND, 2011, p. 234.

¹⁸⁰ CLEVELAND, 2011, p. 220.

¹⁸¹ OWEN, John, *Christologia: A Declaration of the Glorious Mystery of the Person of Christ*, In: *The Works of John Owen*, Logos Research Edition, 17 vols. . Edimburgo: T&T Clark, 1862, 1:pp. 223–24 Minha tradução.

Lombardo são heresias condenadas em concílios da igreja.¹⁸² Dessa maneira, ele demonstra que leu Aquino sobre o assunto.¹⁸³

Em todas as quatro seções de seu tratamento da encarnação Owen depende de Aquino, especialmente no entendimento da união hipostática. Owen nega a ideia de que a união consiste na adição da natureza humana como um acidente. Ele afirma:

Essa união é natural, substancial, essencial, na mesma natureza; isso, como não é acidental, como mostraremos, também não é propriamente substancial, porque não é da mesma natureza, mas de diversas na mesma pessoa, permanecendo distintas em sua essência e substância, e é, portanto, peculiarmente hipostática ou pessoal.¹⁸⁴

Ele ainda diz:

A expressão comum que prevalece atualmente na igreja é a união hipostática, ou seja, a união da natureza divina e humana na pessoa do Filho de Deus, sendo que a natureza humana não tem personalidade nem subsistência própria.¹⁸⁵

Nisto, ele reflete a linguagem usada por Aquino, que atava conceitos nestorianos e eutiquianos e buscava afirmar a integralidade da pessoa de Cristo com duas naturezas também íntegras, negando qualquer possibilidade de elas serem fundidas ou misturadas.¹⁸⁶ Aquino diz, na Suma Teológica:

Ora, a fé católica, [...] não afirma que a união de Deus e do homem se deu na essência ou na natureza, nem ainda em algo acidental, mas a meio caminho, numa subsistência ou hipóstase [...].¹⁸⁷

Assim fica demonstrado que Owen depende fortemente de um entendimento tomista de Deus, da providência e de Cristo, e que tais elementos eram parte do fundamento sobre o qual ele articulava suas formulações doutrinárias.

¹⁸² “Portanto, é evidente que a segunda das três opiniões, que o Mestre estabelece (loc. cit.), que sustenta uma hipóstase de Deus e do homem, não deve ser chamada de opinião, mas um artigo de fé católica. Da mesma forma, a primeira opinião que sustenta duas hipóstases, e a terceira que sustenta uma união acidental, não devem ser chamadas de opiniões, mas heresias condenadas pela Igreja em Concílios.” AQUINO, 1921, STh., III q.2 a.6 resp. Minha tradução.

¹⁸³ CLEVELAND, 2011, pp. 235–36.

¹⁸⁴ OWEN, Christologia, 1862, p. 228 Minha tradução.

¹⁸⁵ OWEN, Christologia, 1862, p. 228 Minha tradução.

¹⁸⁶ CLEVELAND, 2011, pp. 233–34.

¹⁸⁷ AQUINO, 1921, STh., III q.2 a.6 resp. Minha tradução.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, buscou-se investigar o papel da tradição no puritanismo, ao avaliar a obra do puritano John Owen como representante de um puritanismo tardio e maduro. Para isso, buscou-se compreender o contexto acadêmico e polêmico em que ele estava inserido, bem como a sua relação com o movimento reformado inglês, continental, a tradição patrística e medieval e, por fim, foi analisado o uso e o papel da tradição em sua produção teológica. Neste trabalho, destacam-se alguns elementos da relação entre Owen e a tradição.

Em primeiro lugar, quanto ao contexto histórico em que estava inserido, Owen vivia num contexto propício ao uso construtivo da tradição. John Owen era um protestante inglês, vinculado ao movimento puritano, bem como à ortodoxia reformada. Ele foi treinado nos métodos acadêmicos advindos do escolasticismo e influenciado a conhecer com profundidade a patrística e a teologia medieval. Assim, ele esteve inserido num contexto cultural e acadêmico que promovia o uso da tradição. Além disso, Owen esteve envolvido em controvérsias contra adversários que representavam um perigo mais sutil à teologia reformada: o arminianismo e o socinianismo. Nisto, a tradição se mostrou uma ferramenta útil para formular a doutrina reformada em resposta às novas questões que se levantavam em seu tempo.

Em segundo lugar, quanto as suas declarações a respeito da autoridade da Escritura e o papel da tradição, Owen valorizava a tradição como um auxílio hermenêutico e teológico, bem como uma baliza para a reflexão doutrinária. Owen demonstrou uma alta visão das Escrituras como sendo a única fonte, suprema e suficiente, do conhecimento de Deus. Para ele, a tradição não poderia ser vista como revelação, de nenhum modo. Contudo, ele reconhecia o valor da herança teológica da igreja como um auxílio para a compreensão das Escrituras. Tal herança é o resultado do esforço conjunto de homens piedosos, embora falíveis, buscaram compreender as Escrituras, e que deve ser valorizada à medida em que está de acordo com a revelação bíblica. Ele também considerava os credos antigos como balizas para a reflexão teológica, e que poderiam fornecer um terreno comum para a unidade da igreja.

Em terceiro lugar, quanto ao uso e o papel que John Owen deu à tradição em sua produção teológica, John Owen fez uso de termos, distinções, conceitos e métodos advindos da tradição. Foi evidenciado que Owen fez uso das formulações

trinitárias dos primeiros credos para fundamentar sua doutrina do Espírito Santo e da sua relação com o Filho. Ele também seguiu Agostinho em sua concepção a respeito dos efeitos do pecado sobre a mente humana, e fez uso da teologia medieval, empregando uma distinção advinda de Lombardo em sua obra sobre a expiação limitada. Além disso, em sua metodologia e a organização de seu material, demonstrou ser influenciado pelo método escolástico. E sua obra usou de modo extensivo termos, distinções e conceitos provenientes de Tomás de Aquino, principalmente em sua doutrina de Deus, da providência e da união hipostática. O tomismo de Owen permeava as suas obras, tanto aquelas que tinham um caráter polêmico quanto as que visavam a edificação da igreja, sendo a obra *Christologia* uma evidência disso.

Em quarto lugar, é perceptível que Owen utilizou os elementos da tradição como parte do fundamento sobre o qual ele elaboraria novas reflexões. A cláusula *filioque* se tornou importante para estabelecer a sua doutrina da relação entre o Espírito e o Filho, e assim, a sua defesa da Escritura contra o subjetivismo dos *quakers*. A distinção de Lombardo foi apropriada por Owen como parte de sua formulação da expiação limitada. O seu uso da doutrina da simplicidade de Deus e da providência, provenientes de Aquino, eram parte de sua doutrina do decreto de Deus e da perseverança dos santos. Assim, os elementos da tradição se tornaram tijolos da do edifício teológico que Owen levantava.

Tendo em vista tais pontos, é possível concluir que Owen empregou a tradição teológica como parte integrante de seu sistema teológico, não apenas de modo apologético, para defender-se da acusação de novidade demonstrar a antiguidade de sua doutrina, mas de modo construtivo, de modo a dialogar com a herança da igreja e articular a teologia reformada com precisão e profundidade.

Assim, é possível elencar algumas implicações sobre o papel da tradição. É certo que Owen não era adepto da ideia de um *consensus patrum*, isto é, de um consenso dos Pais onde se pode encontrar a verdadeira doutrina que coincide com a Escritura, pois ele estava pronto a admitir que havia erros no corpo patrístico.¹⁸⁸ Tampouco concordaria ele com a ideia de uma tradição que suplementa as Escrituras

¹⁸⁸ Também pode ser chamado de “visão de coincidência”, Cf. LANE, 1975, p. 39 As categorias de Oberman acabam sendo insuficientes para lidar com a complexidade de sua relação com a tradição. Mas sua abordagem seria algo entre Tradição I e Tradição III.

e que estabelece doutrina e prática fora dela,¹⁸⁹ tendo ele mesmo afirmado a suficiência da Escritura para se conhecer a Deus, e rejeitou qualquer outra forma de conhecê-lo.¹⁹⁰

A maneira como Owen lidava com a tradição poderia ser categorizada naquilo que Lane chama de “visão auxiliar”, isto é, “não como uma interpretação normativa das Escrituras nem como um complemento necessário a ela, mas como uma ferramenta a ser usada para ajudar a igreja a compreendê-la.”¹⁹¹ Assim, ele poderia citar e reverenciar os Pais, sem atribuir-lhes qualquer infalibilidade ou peso comparável à Escritura.¹⁹² Como Packer resume essa abordagem:

O Protestantismo tradicional [...] conquanto afirme a infalibilidade da Escritura como palavra inerrante de Deus para nossa instrução, nega que qualquer parte da tradição de exposição bíblica da igreja seja infalível. Recebendo-a como ajuda para a compreensão da Bíblia, o protestantismo prova a tradição pela Bíblia, colocando-a sob sua autoridade. [...] A Escritura tem a última palavra sobre as tentativas humanas de declarar seu significado, e a tradição, vista como uma série de tentativas humanas, tem papel ministerial e não magisterial. Em outras palavras, a tradição nos permite ficar sobre os ombros de muitos gigantes que pensaram sobre a Bíblia antes de nós. Podemos concluir pelo consenso do maior e mais amplo corpo de pensadores cristãos, desde os primeiros Pais até o presente, como recurso valioso para compreender a Bíblia com responsabilidade. Contudo, tais interpretações (tradições) jamais serão finais; precisam sempre ser submetidas às Escrituras para mais revisão.¹⁹³

Assim como os ortodoxos reformados, Owen tinha as Escrituras como autoridade final em questões de fé, e via a si mesmo como parte de uma tradição contínua de exposição bíblica.¹⁹⁴ Para Owen, a principal controvérsia entre o catolicismo e o protestantismo estava na questão da autoridade. Para ele, a autoridade do ofício e o testemunho interno do Espírito sobre as Escrituras são mutuamente exclusivos, e os demais erros são subsequentes a tal decisão.¹⁹⁵ Contudo, ele não era

¹⁸⁹ LANE, 1975, p. 40.

¹⁹⁰ OWEN, “Proposals for the furtherance and propagation of the gospel in this nation. As the same were hubly presented to the Honourable Committee of Parliament by divers ministers of the gospell, and others. As also, some principles of Christian religion, without the believe of which, the Scriptures doe plainly and clearly affirme, salvation is not to be obtained. Which were also presented in explanation of one of the said proposals”

¹⁹¹ LANE, 1975, pp. 43–44.

¹⁹² WHITE, James, *Sola Scriptura E a Igreja Primitiva*, In: *Sola Scriptura: Numa Época Sem Fundamentos, O Resgate Do Alicerce Bíblico*, ed. Bruce Bickel . São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p.43.

¹⁹³ PACKER, J. I., *O Conforto Do Conservadorismo*, In: *Religião De Poder*, ed. Michael S. Horton . São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.235.

¹⁹⁴ TRUEMAN, 2021.

¹⁹⁵ TRUEMAN, 2021.

adepto de uma hermenêutica ingênua. Havia uma necessidade de uma salvaguarda contra opiniões heréticas. Embora a Reforma enfatizasse a clareza das Escrituras, essa ênfase tinha de ser contrabalanceada com a necessidade de uma exegese responsável e disposta a ouvir a longa tradição.¹⁹⁶

Além disso, ele buscava trazer profundidade e robustez à apresentação da doutrina reformada, em resposta ao contexto histórico que viveu. Ele estava enfrentando oponentes mais perigosos que Roma, como os arminianos e socinianos, visto que seus métodos e teologia eram mais próximos dos reformados. Distinções sutis teriam de ser feitas para diferenciar sua teologia daquela de seus oponentes. Nisto, a reapropriação crítica da tradição ocidental se faz útil no momento de sistematizar o pensamento reformado em resposta aos ataques heterodoxos.¹⁹⁷ É importante frisar que apesar da apresentação contar com terminologia e distinções tradicionais, o seu conteúdo é fruto de profunda reflexão bíblica. Nisto, John Owen era distintamente protestante, reformado, ortodoxo e puritano.

¹⁹⁶ TRUEMAN, 2021.

¹⁹⁷ TRUEMAN, 2021.

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, Tomás de. *Summa Theologica*. Londres: Burns Oates & Washbourne Fathers of the English Dominican Province, 1921.
- BACKUS, Irena. “Reformed Orthodoxy and Patristic Tradition.” In *A Companion to Reformed Orthodoxy*. Editado por H. J. Selderhuis, 91-117. Brill's companions to the Christian tradition v. 40. Boston: Brill, 2013.
- BACKUS, Irena. “The Fathers and the Reformation.” In *The Wiley Blackwell Companion to Patristics*. Editado por Kenneth Parry. Wiley Blackwell companions to religion. Chichester, West Sussex: Wiley Blackwell, 2015.
- BARCELLOS, Richard C. “Seventeenth-Century Reformed Orthodoxy, the Theological Methodology of High Orthodoxy, John Owen, and Federal Theology.” *The Reformed Baptist Theological Review* 5 (2008).
- BAXTER, Richard; SYLVESTER, Matthew. *Reliquiæ Baxterianæ, Or, Mr. Richard Baxter's Narrative of the Most Memorable Passages of His Life and Times*. London: Printed for T. Parkhurst, J. Robinson, F. Lawrence and F. Dunton London, 1696.
- BELT, Henk van den den. “Vocatio as Regeneration: John Owen’s Concept of Effectual Calling.” In *John Owen Between Orthodoxy and Modernity*. Editado por W. van Vlastuin, pp. 148–63. Studies in reformed theology volume 39. Boston: Brill, 2019. Acessado em: 09/05/2023.
- CLEVELAND, Christopher Harold. “Thomism in John Owen.” Tese apresentada para obtenção do grau de PhD em Divindade, University of Aberdeen, 2011. Acessado em: 19/09/2023. Disponível em: <https://abdn.alma.exlibrisgroup.com/discovery/delivery/44ABE_INST:44ABE_VU1/12152256250005941>.
- FORD, Coleman M. ““Everywhere, Always, by All”: William Perkins and James Ussher on the Constructive Use of the Fathers.” *Puritan Reformed Journal* 7, 2 (2015): pp. 95–111. Disponível em: <https://www.academia.edu/19386160/_Everywhere_Always_by_All_William_Perkins_and_James_Ussher_on_the_Constructive_Use_of_the_Fathers>.
- GONZÁLEZ, Justo. *Breve Dicionário De Teologia*. With the assistance of Juan C. Martinez. 1a edição. São Paulo, SP: Hagnos, 2009.

- KAPIC, K. M. "Owen, John (1616–83)." In *New Dictionary of Theology: Historical and Systematic*. Editado por Martin Davie et al. Second Edition. London, Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press; InterVarsity Press, 2016.
- KEEBLE, N. H; Geoffrey F. Nuttall, eds. *Calendar of the Correspondence of Richard Baxter*. Oxford, Oxford, New York: Clarendon Press; Oxford University Press, 1991.
- LANE, A. N. S. "Scripture, Tradition and Church: An Historical Survey." *Vox Evangelica* 9 (1975): pp. 37–55. Acessado em: 05/09/2019. Disponível em: <https://biblicalstudies.org.uk/pdf/vox/vol09/scripture_lane.pdf>.
- LEVY, Ian Christopher, Philip D. W. Krey, Thomas Ryan; H. Lawrence Bond, eds. *The Letter to the Romans. The Bible in Medieval Tradition*. Grand Rapids, MI, Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 2013.
- MCGRATH, Alister E. *O Pensamento Da Reforma: Ideias Que Influenciaram O Mundo E Continuum a Moldar a Sociedade*. 1a edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.
- MULLER, Richard A. *After Calvin: Studies in the Development of a Theological Tradition: Studies in the Development of a Theological Tradition*. Oxford Studies in Historical Theology. New York: Oxford University Press, 2003.
- MULLER, Richard A. *Post-Reformation Reformed Dogmatics: The Rise and Development of Reformed Orthodoxy, Ca. 1520 to Ca. 1725*. 2nd ed. 1. Grand Rapids Mich.: Baker Academics, 2003.
- OBERMAN, Heiko A. "Quo Vadis? Tradition from Irenaeus to Humani Generis." *Scottish Journal of Theology* 16, no. 3 (1963): pp. 225–55.
- OWEN, John. "Proposals for the Furtherance and Propagation of the Gospel in This Nation. As the Same Were Hubly Presented to the Honourable Committee of Parliament by Divers Ministers of the Gospell, and Others. As Also, Some Principles of Christian Religion, Without the Beliefe of Which, the Scriptures Doe Plainly and Clearly Affirme, Salvation Is Not to Be Obtained. Which Were Also Presented in Explanation of One of the Said Proposals." Disponível em: <quod.lib.umich.edu>. Acessado em: 04/10/2023.
- OWEN, John. "Christologia: A Declaration of the Glorious Mystery of the Person of Christ." In *The Works of John Owen*. Vol. 1. Logos Research Edition. 17 vols., pp. 1–271. Edimburgo: T&T Clark, 1862.

- OWEN, John. "Pneumatologia: A Discourse Concerning the Holy Spirit—Continued." In *The Works of John Owen*. Vol. 4. Logos Research Edition. 17 vols. Edimburgo: T&T Clark, 1862.
- OWEN, John. "Pneumatologia: An Account Is Given of His Name, Nature, Personality, Dispensation, Operations, and Effects; His Whole Work in the Old and New Creation Is Explained; the Doctrine Concerning It Vindicated from Oppositions and Reproaches." In *The Works of John Owen*. Vol. 3. Logos Research Edition. 17 vols., pp. 1–651. Edimburgo: T&T Clark, 1862; A discourse concerning the Holy Spirit.
- OWEN, John. "Salus Electorum, Sanguis Jesu: The Death of Death in the Death of Christ." In *The Works of John Owen*. Vol. 10. Logos Research Edition. 17 vols. Edimburgo: T&T Clark, 1862.
- OWEN, John. "The Doctrine of the Saints' Perseverance: Explained and Confirmed." In *The Works of John Owen*. Vol. 11. Logos Research Edition. 17 vols. Edimburgo: T&T Clark, 1862.
- OWEN, John. *The Works of John Owen*. Logos Research Edition. 17 vols. Edimburgo: T&T Clark, 1862.
- OWEN, John. "Theologoumena Pantodapa: Sive, De Natura, Ortu, Progressu, Et Studio, Veræ Theologiæ,." In *The Works of John Owen*. Logos Research Edition. 17 vols. Edimburgo: T&T Clark, 1862.
- OWEN, John. "Theomachia Autexousiastikē: A Display of Arminianism." In *The Works of John Owen*. Vol. 10. Logos Research Edition. 17 vols., pp. 1–138. Edimburgo: T&T Clark, 1862.
- PACKER, J. I. "O Conforto Do Conservadorismo." In *Religião De Poder*. Editado por Michael S. Horton, pp. 231–43. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- PEDERSON, Randall J. "Reformed Orthodoxy in Puritanism." *Perichoresis* 14, no. 3 (2016): pp. 45–59.
- QUANTIN, Jean-Louis. *The Church of England and Christian Antiquity: The Construction of a Confessional Identity in the 17th Century*. Oxford, New York: Oxford University Press, USA, 2009.
- THOMSON, Andrew. "Life of Dr. Owen." In *The Works of John Owen*. Vol. 1. Logos Research Edition. 17 vols. Edimburgo: T&T Clark, 1862.

TRUEMAN, Carl R. "Puritanism as Ecumenical Theology." *Nederlands archief voor kerkgeschiedenis* 81, no. 3 (2001): pp. 326–36.

TRUEMAN, Carl R. *John Owen: Reformed Catholic, Renaissance Man*. Edição do Kindle. Great theologians series. Aldershot England, Burlington VT: Ashgate, 2007.

TRUEMAN, Carl R. *The Claims of Truth: John Owen's Trinitarian Theology*. edição eletrônica. Reformed historical-theological studies. Grand Rapids Michigan: Reformation Heritage Books, 2021.

WHITE, James. "Sola Scriptura E a Igreja Primitiva." In *Sola Scriptura: Numa Época Sem Fundamentos, O Resgate Do Alicerce Bíblico*. Editado por Bruce Bickel, 33-63. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.